

24 A 31 DE AGOSTO



*1700 ANOS DO Credo DE
NICEIA (325-2025)*

CATEQUISTA

Testemunha da Fé



III SEMANA NACIONAL
de Catequese

TEMA:

"1700 ANOS DO CREDO DE NICEIA (325-2025) CATEQUISTA TESTEMUNHA DA FÉ"

GUIÃO DE FORMAÇÃO

Palavra de Abertura

Estimados Catequistas.

Depois de termos dedicado o ano de 2024, em preparação ao Jubileu, o ano de 2025, sempre por proposta do Papa Francisco, será dedicado ao estudo do CREDO DOS APÓSTOLOS.

De facto, um evento importante que a Igreja Católica celebra neste Ano Jubilar é a memória agradecida dos 1.700 anos do Credo proclamando no Concílio de Niceia (325-2025). Uma boa ocasião para examinarmos e fortalecermos a nossa fé através do estudo do Credo.

A Comissão Episcopal de Evangelização e Catequese disponibiliza este Guião dedicado ao estudo sobre o CREDO, útil para os catequistas entenderem melhor e redescobrir o valor e riqueza da Profissão de Fé.

Chama-se "Credo" em razão da primeira palavra com que começamos: "Creio". O Credo, um pequeno resumo da Fé da Igreja, não foi escrito segundo as opiniões humanas, mas, da Bíblia. E assim como a manga contém num pequeno caroço uma futura grande mangueira cheia de ramos, da mesma forma este resumo da fé encerra em algumas palavras todo o conhecimento da Fé contida no Antigo e no Novo Testamento.

Recitar com fé o Credo é entrar em comunhão com Deus Pai, Filho e Espírito Santo, é também entrar em comunhão com a Igreja inteira que nos transmite a fé e no seio da qual cremos: O Credo é o carimbo espiritual, o tesouro da nossa alma. Todo o católico precisa conhecê-lo com profundidade.

Este Guião tem como único objetivo ajudar os catequistas a conhecer melhor o Credo e a comunicar as suas verdades com a Palavra e a Vida.

+*Diamantino Antunes*

III SEMANA NACIONAL DE CATEQUESE

PROGRAMA:

24 de Agosto, Domingo:

- Abertura da III Semana Nacional de Catequese
- Apresentação da Mensagem da CEM por ocasião do Dia do Catequista e da Semana Nacional de Catequese

25 de Agosto, Segunda-feira:

- 1º Tema: Creio, Credo ou Símbolo dos Apóstolos.

26 de Agosto, Terça-feira:

- 2º Tema: 1700 anos do Concílio de Niceia (325-2025).
Importância para o Credo

27 de Agosto, Quarta-feira:

- 3º Tema: Credo: a beleza da Fé cristã

28 de Agosto, Quinta-feira:

- 4º Tema: Credo e Catecismo da Igreja Católica

29 de Agosto, Sexta-feira:

- 5º Tema: Explicação das 12 Verdades contidas no Credo

30 de Agosto, Sábado:

- 6º Tema: “Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador – 1700º aniversário do Concílio de Niceia: apresentação do documento da Comissão Teológica Internacional

31 de Agosto, Domingo:

- Jubileu dos Catequistas: Celebração Litúrgica para o Dia do Catequista



CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE MOÇAMBIQUE

III Semana Nacional de Catequese

MENSAGEM AOS CATEQUISTAS

POR OCASIÃO DA III SEMANA NACIONAL DE CATEQUESE E DO JUBILEU DO CATEQUISTA

Caríssimos/as Catequistas

Votos de Alegria e Paz

1 - No Domingo, 31 de Agosto, realizar-se-á a celebração do vosso dia. Este ano, a celebração do dia do Catequista insere-se no contexto da celebração do “Jubileu 2025 – Peregrinos da Esperança”, uma iniciativa que busca revitalizar a fé e a esperança dos fiéis. Convidamos todos os fiéis a participarem desta importante celebração, reforçando a importância da catequese e dos catequistas na vida da Igreja.

2 - Por ocasião do vosso dia, gostaria de dirigir-me a todos vós, Catequistas, para manifestar, em nome da Conferência Episcopal de Moçambique, a nossa gratidão pelo vosso dedicado empenho evangelizador ao serviço das comunidades cristãs em todo o território nacional.

Na missão essencial de comunicar a Boa Nova de Jesus e de seu Reino, cada um de vós, foi escolhido(a) para ser testemunha diante daqueles que pretendem iniciar ou prosseguir um caminho de formação cristã, dando a conhecer Jesus Cristo e a Igreja que Ele fundou. Ele mesmo quer chegar aos corações das nossas crianças, jovens, adultos e idosos através de porta-vozes da sua mensagem, que sois vós.

3 - Ser anunciador da Verdade do Evangelho, num Moçambique que celebra 50 anos de Independência Nacional, mas que está carente de referências morais e espirituais seguras, te compromete, caro(a) Catequista, com a vida de tantas pessoas e com a esperança para a nossa sociedade.

O seu trabalho é o serviço de semear. Semear a esperança! O terreno deve estar preparado, pois a semente é sempre boa e tem força para produzir frutos abundantes. Semear é uma tarefa muitas vezes penosa, requer perseverança, paciência, cuidado e, sobretudo, esperança. É preciso esperar em Deus, que nunca falha, e esperar também no homem e na mulher que se dispõem a receber o dom divino. Mas não se esqueça que há muita machamba por aí que precisa de ser descoberta, desbravada e cultivada. Hoje, como no passado, o catequista é um discípulo missionário numa Igreja que sabe ir ao encontro dos que não vêm e permanecem à margem da Igreja.

4 - A celebração do Jubileu do Catequista é uma oportunidade para reconhecer e homenagear todos vós que dedicais o vosso tempo e esforço à educação religiosa e à formação espiritual, em vista da preparação dos fiéis para os sacramentos.

Mais uma vez obrigado, pelo vosso valioso trabalho e testemunho, por serdes peregrino e testemunhas da Esperança. Coragem e força na missão!

Tete, 13 de Abril 2025



*+Diamantino Guapo Antunes
Bispo de Tete
Comissão Episcopal de Evangelização e Catequese*

DIA **25**

TEMA:

"CREIO, CREDO OU
SÍMBOLO DA FÉ?"

CREIO, Credo OU SÍMBOLO DA FÉ?

1 - Estamos acostumados a professar nossa fé nas celebrações eucarísticas. Às vezes chamamos de **Creio**, outras vezes, de **Credo**. Geralmente, nas nossas comunidades cristãs, na celebração da Palavra dominical, o **Creio** recitado é mais curto (chamado **Símbolo dos Apóstolos**) e nas sedes paroquias, na Missa, sobretudo em português, o Creio é mais longo ou cumprido (**Símbolo Niceno-Constantinopolitano**). Afinal, o que significam essas palavras: Creio, Credo e Símbolo.

Creio ou Credo

2 - O **Creio** ou **Credo** é a mesma coisa. É um resumo preciso, mais ou menos breve e fixo, dos conteúdos essenciais da fé cristã. Por séculos os cristãos se habituaram a entender com o termo credo uma fórmula estabelecida que resume os artigos essenciais da sua religião e goza da aprovação da autoridade eclesiástica. O uso da palavra Creio e Credo é muito fácil de explicar. As orações costumam levar por nome a primeira ou as primeiras palavras. Basta lembrar de algumas: Ave-Maria, Pai-Nosso, Salve-Rainha, Glória ao Pai... Seguindo esta lógica, Credo é a primeira palavra da proclamação de nossa fé, mas em latim: "**Credo in Deum Patrem omnipotentem**"; que é traduzido para o português como: "**Creio em Deus Pai todo-poderoso**".

Em síntese, Credo em latim é o mesmo que Creio em português. Primeira palavra de nossa proclamação de fé.

O que é o Símbolo da Fé?

3 - Se *Creio* ou *Credo* são palavras facilmente compreensíveis, o uso da palavra **Símbolo** é mais complicado. Apesar de ser uma palavra grega, a primeira vez que a encontramos para nomear um Credo é no ocidente latino, em uma carta de Cipriano de Cartago (aproximadamente 200 - 258). Questionado por um certo Magno sobre a validade do batismo dos novacianos, tidos como hereges, escreve:

*“Se alguém replica que Novaciano segue a mesma lei da Igreja católica, que batiza com o mesmo **símbolo** que nós e reconhece ao mesmo Deus Pai, ao mesmo Filho Cristo, ao mesmo Espírito Santo, e que por isso pode exercitar o poder de batizar, já que parece não diferenciar em nada nas interrogações que se fazem no batismo; saiba o que assim replica, primeiro, que não temos o mesmo **símbolo** os cismáticos e nós, nem o mesmo interrogatório”.*

(Epístola 69,7)

A conclusão de Cipriano difere da prática atual da Igreja. Permanecendo dentro do período dos primeiros séculos da Igreja, encontramos uma explicação muito interessante sobre o Símbolo dos Apóstolos, dada por Nicetas, bispo de Remesiana (actual Sérvia), o qual viveu entre 335 e 414, durante a catequese para os eleitos ao Baptismo:

“Sendo isto assim, caríssimos, permaneçam perseverantes em crer na doutrina que lhes foi confiada e ensinada. Mantende sempre o pacto que fizestes com Deus, isto é, este Símbolo que professastes diante dos anjos e dos homens. Suas palavras certamente são breves, mas contém todos os mistérios. Com efeito, em

forma abreviada se recolheu todas as Escrituras, como pedras preciosas em uma coroa, para que, dado que muitos crentes não sabem ler ou se sabem não podem ler por suas ocupações seculares, guardando-as em seu coração, tenham a ciência salutar que lhes basta.

Assim, caríssimos, caminhando, sentando, dormindo ou despertos meditem esta confissão de fé salvadora em vossos corações. Que vossa mente esteja sempre no céu, vossa esperança na ressurreição, vosso desejo na promessa”.

Nicetas menciona o Símbolo dos Apóstolos que se professa diante dos “anjos e dos homens”.

O motivo porque se usou a palavra Símbolo para o Credo?

4 - O motivo pelo qual foi escolhida esta palavra para indicar o Credo e o seguinte; Símbolo procede do verbo grego *syn-bállo*, que significa *reunir, ajuntar*. Indicava um objeto que, tendo sido partido, permitisse, ao serem reunidas as partes, identificar seus portadores como contraentes de um acordo, *pacto*, ou mesmo, herdeiros; ou ainda, como unidos por laços de família, amizade ou cidadania. Por extensão, passou a indicar algo como um “selo” ou algo que permitisse uma “identificação”.

Rufino de Aquileia (aproximadamente 340 - 410), autor de um comentário ao Símbolo, explicava o uso da palavra símbolo por ela significar seja “sinal (*indicium ou signum*)” como também “*collatio*”, ou seja, uma composição para cuja formulação contribuíram os 12 Apóstolos, cada qual com uma proposição de Fé daí a expressão Símbolo dos Apóstolos, e o facto termos nele 12 verdades de Fé.

Outro significado de símbolo é o de selo ou carimbo (distintivo) ou marca. Neste sentido, temos um texto ilustrativo de Santo Agostinho, em um *Sermão* na Entrega do Símbolo, proferido duas ou três semanas antes da Páscoa:

“Já chegou o momento para que recebais o símbolo, que contém, de forma breve, tudo o que crês para a vossa salvação eterna. Na origem do termo ‘símbolo’ está uma semelhança; é, pois, um termo metafórico. Os mercadores estabelecem entre si um símbolo graças ao qual sua agremiação se mantém unida por um pacto de fidelidade. Também vossa sociedade é um negócio de coisas espirituais, para ser semelhantes aos mercadores que buscam a pedra preciosa” (Sermão 212,1).

No século III, com a palavra *Símbolo*, se indicava as interrogações e respostas do batismo. Em seguida, passou a indicar também o Credo declaratório, do modo como o encontramos na *Entrega e Devolução* do catecumenato. O que é possível afirmar: “o nome clássico para os credos batismais estava, em sua origem, ligado no modo mais íntimo à estrutura primitiva do rito batismal”.

Conclusão

Símbolo da Fé é uma fórmula, sancionada pela autoridade eclesiástica, sintetizando as principais verdades da fé cristã. Etimologicamente, a palavra símbolo, do grego, designa um sinal de identificação.

Desde os primórdios cristãos, foi exigido para o Batismo a profissão de fé, como sinal de identificação com os discípulos de Cristo.

Mais tarde, quando surgiram as grandes heresias, os Concílios elaboraram símbolos da fé (ou credos).

O mais antigo chegado até nós (do séc. II) parece ser o “Símbolo dos Apóstolos”; o mais conhecido, até por ser proclamado nas missas dominicais e nas solenidades litúrgicas, é o “Símbolo de Niceia-Constantinopla” (saído dos Concílios de 325 e 381).

Com as palavras *Creio, Credo e Símbolo* indicamos, portanto, esse conjunto de afirmações essenciais de nossa fé cristã, que nos une e nos identifica na Igreja Católica.

DIA **26**

II TEMA:

"A IMPORTÂNCIA DO
CONCÍLIO DE NICEIA
(325) PARA O Credo
DOS APÓSTOLOS"

A IMPORTÂNCIA DO CONCÍLIO DE NICEIA (325) PARA O CREDO DOS APÓSTOLOS

Introdução

1 - Uma dos eventos importantes que a Igreja Católica celebra neste Ano Jubilar é a memória dos 1.700 anos do Credo proclamando no Concílio de Niceia. Na Bula de proclamação do Jubileu do Ano 2025, “Spes non confundit”, o Papa Francisco, no nº 17, escreveu:

"Durante o próximo Jubileu, ocorrerá um aniversário muito significativo para todos os cristãos: completar-se-ão 1700 anos da celebração do primeiro grande Concílio ecumênico, o de Niceia. É bom lembrar que já em diversas ocasiões, desde os tempos apostólicos, os Pastores se reuniram em assembleia com a finalidade de tratar temáticas doutrinárias e questões disciplinares. Nos primeiros séculos da fé, multiplicaram-se os Sínodos tanto no Oriente como no Ocidente cristão, mostrando como era importante guardar a unidade do Povo de Deus e o anúncio fiel do Evangelho. O Ano Jubilar poderá ser uma importante oportunidade para tornar concreto este modo sinodal, que hoje a comunidade cristã sente como expressão cada vez mais necessária para melhor corresponder à urgência da evangelização: todos os batizados, cada qual com o próprio carisma e ministério, se sintam corresponsáveis pela mesma a fim de que muitos sinais de esperança deem testemunho da presença de Deus no mundo".

2 - O Concílio de Niceia teve a missão de preservar a unidade, então seriamente ameaçada pela negação da

plena divindade de Jesus Cristo e da sua igualdade com o Pai. Estiveram presentes cerca de trezentos Bispos que, convocados sob impulso do imperador Constantino em 20 de maio de 325, se reuniram no palácio imperial. Depois de vários debates, todos, com a graça do Espírito, se reconheceram no Símbolo de fé que ainda hoje professamos na Celebração Eucarística dominical. Os Padres conciliares quiseram iniciar aquele Símbolo empregando pela primeira vez a expressão «Nós cremos», testemunhando que, naquele «Nós», todas as Igrejas se encontravam em comunhão e todos os cristãos professavam a mesma fé.

3 - O Concílio de Niceia é um marco miliário na história da Igreja. O aniversário da sua realização convida os cristãos a unirem-se no louvor e agradecimento à Santíssima Trindade e, em particular, a Jesus Cristo, o Filho de Deus, «consubstancial ao Pai», que nos revelou este mistério de amor. Mas Niceia constitui também um convite a todas as Igrejas e Comunidades eclesiais para avançarem rumo à unidade visível, não se cansando de procurar formas apropriadas para corresponder plenamente à oração de Jesus: *«Que todos sejam um só, como Tu, Pai, estás em mim e Eu em ti; para que assim eles estejam em Nós e o mundo creia que Tu me enviaste»* (Jo 17, 21).

O que aconteceu no Concílio de Niceia?

4 - O Concílio I de Niceia é o primeiro Concílio Ecuménico, isto é, universal, em que participaram bispos de todas as regiões onde havia cristãos. Teve lugar quando a Igreja pôde desfrutar de uma paz estável e dispunha de liberdade para se reunir abertamente. Desenrolou-se de

20 de Maio a 25 de Julho, do ano 325. Nele participaram alguns bispos que tinham nos seus corpos os sinais dos castigos que tinham sofrido por se terem mantido fiéis nas perseguições passadas, e que eram ainda muito recentes.

O Imperador Constantino, que por essas datas ainda não se tinha baptizado, facilitou a participação dos bispos, pondo à sua disposição transporte – para que fizessem a viagem – e oferecendo-lhes hospitalidade em Niceia da Bitínia, actual Turquia. De facto, considerou muito oportuna essa reunião, uma vez que – depois de ter obtido com a sua vitória contra Licínio, no ano 324, a reunificação do Império – desejava também ver unida a Igreja, que nesses momentos andava agitada pela pregação de Ário, um sacerdote que negava a verdadeira divindade de Jesus Cristo. Desde o ano 318 Ário tinha-se oposto ao seu bispo Alexandre de Alexandria, e foi excomungado num sínodo de todos os bispos do Egipto. Ário fugiu para Nicomédia, para junto do seu amigo o bispo Eusébio.

5 - Entre os Padres Conciliares contavam-se as figuras eclesiásticas mais relevantes do momento. Estava Ósio, bispo de Córdova que, segundo parece, presidiu às sessões. Assistiu também Alexandre de Alexandria, ajudado pelo então diácono Atanásio, Marcelo de Ancira, Macário de Jerusalém, Leôncio de Cesareia da Capadocia, Eustácio de Antioquia, e alguns presbíteros em representação do bispo de Roma, que não pôde assistir, devido à sua avançada idade. Também não faltaram os amigos de Ário, como Eusébio de Cesareia, Eusébio de Nicomédia e alguns outros. No total, participaram uns trezentos bispos. Os partidários de Ário, que contavam

também com as simpatias do Imperador Constantino, pensavam que, desde que expusessem os seus pontos de vista, a assembleia lhes daria razão. Todavia, quando Eusébio de Nicomédia tomou a palavra para dizer que Jesus Cristo não era mais que uma criatura – se bem que muito excelsa e eminente – e que não era de natureza divina, a imensa maioria dos assistentes compreendeu imediatamente que essa doutrina atraía a fé recebida dos Apóstolos.

6 - Para evitar tão graves confusões, os Padres Conciliares decidiram redigir, tendo como base do credo baptismal da igreja de Cesareia, um símbolo de fé que reflectisse, de modo sintético e claro, a confissão genuína da fé recebida e admitida pelos cristãos desde as origens. Nele se diz que Jesus Cristo é “da substância do Pai, Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, *homoousios tou Patrou* (consustancial ao Pai)”. Todos os Padres Conciliares, excepto dois bispos, ratificaram esse Credo – o Símbolo Niceno – a 19 de Junho do ano 325.

7 - Além dessa questão fundamental, em Niceia fixou-se a celebração da Páscoa no primeiro Domingo depois do primeiro plenilúnio da Primavera, seguindo a prática habitual na igreja de Roma e em muitas outras. Também se trataram algumas questões disciplinares de menor importância, relativas ao funcionamento interno da Igreja. No que respeita ao tema mais importante – a crise ariana – Eusébio de Nicomédia conseguiu, pouco tempo depois, voltar à sua sede contando com a ajuda de Constantino, tendo o próprio Imperador ordenado depois ao bispo de Constantinopla que admitisse Ário à

comunhão. Entretanto, depois da morte de Alexandre, Atanásio aceitou o episcopado em Alexandria. Foi uma das maiores figuras da Igreja em todo o século IV, que defendeu, com grande altura intelectual, a fé de Niceia, mas que – precisamente por isso – foi enviado para o exílio pelo Imperador.

DIA **27**

III TEMA:

"O Credo: A Beleza
da Fé Cristã"

O CREDO: A BELEZA DA FÉ CRISTÃ

Uma vocação universal

1 - Rezamos ou cantamos o Credo cada Domingo ou em outras circunstâncias porque é uma proclamação da fé em Deus-Amor, um ato de louvor, um reconhecimento de ação de graças. Todavia, não basta recitar o Credo, conhecê-lo de memória. Antes de tudo, é preciso compreendê-lo em profundidade.

2 - Sem prejuízo do sentido pastoral e da criatividade, poderá usar-se esta catequese sobre o Credo em outras ocasiões num dos modos seguintes:

Nas paróquias:

- Como uma catequese para os catequistas, terminando com a profissão de fé simples, recitando o Credo;
- Como uma catequese também para os eleitos ao Baptismo, feita durante a Quaresma, para preparar o Baptismo na celebração da vigília pascal;
- Como uma catequese feita numa só vez, ou repetida para vários grupos ou comunidades, na preparação para a festa do padroeiro da comunidade paroquial (ou do padroeiro de cada uma das comunidades da paróquia); noutro dia dessa preparação, realiza-se uma celebração solene da profissão de fé integrada na Eucaristia, ou noutro tipo de celebração mais oportuna.

Nos grupos e movimentos apostólicos:

- Como uma catequese num dos encontros habituais, terminando com uma profissão de fé simples, ou com uma celebração na qual se faz solene profissão de fé;

- Durante um retiro, incluir a catequese e depois fazer uma solene profissão de fé durante uma celebração.

Uma bela profissão de Fé

3 - São Paulo, na primeira carta a Timóteo, diz-nos que “Jesus Cristo, diante de Pilatos, deu testemunho numa bela profissão de fé” (1 Tim 6, 13). A Igreja expressou esta bela profissão de fé, mais tarde, no Credo ou Símbolo dos Apóstolos, que é uma síntese da fé cristã transmitida pelos apóstolos.

Não basta recitar o Credo; é preciso compreendê-lo na riqueza e beleza do seu conteúdo de fé. *Ele não é um mero catálogo de verdades abstratas, nem muito menos um código ético. É, antes, a galeria das maravilhas da salvação de Deus em favor da humanidade.* Somos convidados a rezá-lo ou cantá-lo, porque é uma proclamação de Deus-Amor e um ato de fé, de louvor e de ação de graças pelas suas maravilhas. Quem poria em música ou cantaria um catálogo de verdades abstratas? A catequese que oferecemos é de tipo mistagógico. Tal como o Credo, não pretende demonstrar nada, dar razões, ou responder a objeções. *É apenas um convite: “Vinde descobrir o tesouro da nossa fé”. Trata-se, tão só, de ajudar a descobrir, meditar e saborear a beleza e o fascínio da fé cristã e a alegria de crer.*

Creio em Deus, pai Todo-Poderoso, Criador do Céu e da Terra

4 - A primeira maravilha de Deus aos homens a ser contemplada é o dom da criação. Por isso, *começamos por confessar a fé em Deus Pai, fonte de toda a vida e de todo o amor, do qual procede tudo o que existe.* Nas

fontes da existência do mundo, da vida e do homem, está o mistério de amor d'Aquele que se revelou como Pai de Jesus Cristo e Pai nosso. *Só o Amor, que nos chama à existência, nos pode dar a certeza de que a vida, cada vida, tem sentido*, tal como acontece a uma criança nascida do amor dos pais. Não andamos no mundo por acaso, ou ao acaso, nem estamos sós. Cada um de nós é pensado, querido e amado por Deus!

A fé em Deus Pai Criador convida-nos, pois, a tomar consciência das nossas origens como criaturas, isto é, da nossa pertença confiante a Deus como Aquele “pelo qual existimos, nos movemos e somos”, e da nossa dignidade ímpar como seres criados à imagem e semelhança de Deus.

Crer em Deus Criador convida-nos ainda a ver o mundo como um dom de Deus e, ao mesmo tempo, como uma missão nossa de sermos colaboradores de Deus. A criação é como uma semente cheia de energia maravilhosa confiada por Deus ao homem para a cultivar. Recebemo-la, pois, como um grande dom que nos é dado para estimar e desenvolver, a fim de que seja “casa comum” de todos os homens, onde todos possam habitar, viver, conviver e trabalhar como irmãos, na paz e na justiça.

“Ó Senhor, nosso Deus, como é admirável o vosso nome em toda a terra!” (Sl 8, 2)

Creio em Jesus Cristo, Seu Único Filho, Nosso Senhor

5 - *A segunda parte do Credo centra-se na maravilha das maravilhas de Deus em favor dos homens*. Deus comunica-Se, não só criando-nos e dando-nos uma terra

e uma história, mas comunicando-Se a Si mesmo no seu Filho, feito homem: “creio em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor...”. Quem ama quer estar onde está a pessoa amada. *O amor de Deus é tão forte que quer habitar plenamente no meio de nós, estar a nosso lado, comunicar coração a coração, fazendo-Se um de nós: é o mistério da Encarnação do Filho eterno de Deus.* Na realização deste desígnio, Maria de Nazaré colaborou com o poder do Espírito Santo, oferecendo o seu coração e o seu seio: “nasceu da Virgem Maria”. Maria é, assim, mãe de Jesus e nossa mãe na fé.

6 - Os evangelhos apresentam-nos Jesus em toda a riqueza da sua humanidade. Homem de carne e sangue, de coração e de espírito, aprendeu a caminhar os passos dos homens, conheceu as nossas alegrias e as nossa lágrimas, a fome, a tentação, o sofrimento e a morte. *Com o seu testemunho, a sua Palavra e as suas ações, Jesus mostra-nos o rosto de Deus, próximo de nós e compassivo, e dá-nos a conhecer o seu nome: “Filipe, quem Me vê, vê o Pai”.*

A sua paixão e morte foi o maior ato e sinal do amor com que entregou a sua vida «por nós homens e para nossa salvação». E com a sua ressurreição “destruiu o poder da morte e restaurou a vida”. Abriu no mundo o caminho do Amor redentor mais poderoso do que o pecado, o caminho da vida mais forte do que a morte.

7 - Só após a ressurreição e as aparições de Jesus ressuscitado, é que os discípulos compreenderam e reconheceram plenamente o mistério da pessoa de Jesus: “Verdadeiramente, Tu és o Filho de Deus”; “Meu

Senhor e meu Deus!”. A ressurreição é a confirmação da verdade de Jesus.

Por isso, nós reconhecemo-Lo como Salvador e Senhor, “Deus de Deus, Luz da Luz”, verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Confessamos que Jesus Cristo não é apenas um homem santo, um profeta, um mestre e modelo, mas que é o Deus-Amor e o Amor de Deus em pessoa, que renova e salva a nossa vida. Unidos a Ele, temos acesso à vida de Deus, ao coração do Pai, ao mistério do seu amor, ao dom do seu Espírito e da vida nova na amizade com Ele.

“Vivo a vida presente na fé no Filho de Deus, que me amou e Se entregou por mim.” (Gal 2, 20)

Creio no Espírito Santo

8 - Após a ressurreição, Jesus, embora subtraído a nossos olhos, não é um ausente longínquo e inacessível. Envia o Espírito Santo para continuar a sua obra de salvação.

Pelo dom do Espírito Santo, Deus vem habitar em nós, derrama o seu amor nos nossos corações (Rom 5, 5). Assim recebemos a união mais íntima com Ele, participamos da sua vida, somos verdadeiramente filhos e filhas de Deus. Quando Deus nos dá o seu Espírito, dá-Se a Si mesmo.

O Espírito Santo é também a “alma” da vida da Igreja. É Ele que a mantém unida intimamente a Cristo, a santifica e renova através da Palavra, dos sacramentos, da oração, da comunhão fraterna, dos dons e ministérios. Por isso, no Credo também reconhecemos a Igreja como realidade da fé: ela é obra de Deus, mistério da comunhão de Deus com os homens e dos homens entre si.

Por fim, o dom do Espírito é motivo da nossa confiança e da nossa esperança. É a certeza de que Deus está sempre

connosco, quer na vida, quer na morte. Assim, confiamos e esperamos que a obra da salvação em nós começada, Deus a levará a feliz termo na ressurreição para a vida eterna – o reino da vida, do amor e da alegria sem fim, sem reservas e sem fronteiras, na comunhão plena com Deus, numa nova forma de existência gloriosa para além da morte.

“Vinde, Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor!”

Creio na Santíssima Trindade, Comunhão perfeita de vida e amor

9 - *Em Jesus Cristo, Deus abriu-nos o mistério da sua intimidade. Manifesta-Se na História da Salvação tal como é, e é tal como Se manifesta: Pai, Filho e Espírito Santo. E, contudo, não há três deuses, mas um só Deus em três pessoas distintas, numa comunhão perfeita de vida, amor e comunicação. É, na verdade, um mistério que nos transcende. Muitas vezes, fixamo-nos na dificuldade exterior de o compreender racionalmente. Mas, às vezes, o coração entende melhor do que a razão. De facto, este é o segredo da vida íntima de Deus. No seu mistério mais íntimo, Deus não é uma solidão, mas uma família, uma comunhão. A Santíssima Trindade é a melhor e mais perfeita comunidade.*

Enche-nos com a sua presença e o seu amor, para nós vivermos também, à sua imagem e semelhança, na doação mútua, na comunhão fraterna, no diálogo recíproco, na solidariedade, na confiança na bondade da vida e na esperança da vida plena, gloriosa e definitiva. “A Trindade de Deus é o mistério da sua beleza. Negá-la é ter um Deus sem esplendor, sem alegria, um Deus sem beleza”.

“Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo...”

“Senhor, eu Creio! Ajuda a minha pouca Fé”

10 - Num mundo pluralista, marcado pela cultura da indiferença religiosa ou pela confusão religiosa, parece que não tudo é claro em matéria religiosa. Os cristãos são chamados a viver a fé e a sua identidade em permanente luta interna, em confronto com opções totalmente contrárias e, por vezes, em ambiente de adversidade. Precisam de reconquistar dia após dia a graça e a alegria de crer, cultivando e velando pela sua fé e orando cada dia como o pai do jovem epilético curado por Jesus: *“Eu creio! Ajuda a minha pouca fé!”* (Mc 9, 24).

“Ó Senhor, pelo mistério da tua morte e ressurreição, com o fogo do Espírito Santo, acende em mim a graça de uma fé grande como a dos nossos pais na fé, desde Abraão a Maria, até aos santos e testemunhas humildes de hoje. Acende em nós a mesma fé, para que possamos responder hoje à graça do teu mistério de amor. Ajuda-nos a crescer na fé vivida como experiência de um Amor recebido e comunicada como experiência de graça, beleza e alegria que transforma os nossos corações, a nossa vida e o nosso mundo.”

“Esta é a nossa fé, esta é a fé da Igreja, que nós nos gloriamos de professar em Jesus Cristo, nosso Senhor!”

DIA **28**

IV TEMA:

"CREDO E CATECISMO
DA IGREJA CATÓLICA"

CREDO E CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

Catecismo em geral

1 - Catecismo é o livro da catequese ou o seu conteúdo, podendo ser concebido para o catequista ou para o catequizando. Segundo a mais antiga tradição, deve conter toda a doutrina cristã, embora com um grau de desenvolvimento e em estilo apropriados aos destinatários.

Catecismos na História da Igreja

2 - Foram seus precursores o Símbolo dos Apóstolos (Credo) e certos textos didáticos, como a Didaquê (século I). Os mais antigos catecismos datam do séc. XV, alguns saídos de concílios. Do Concílio de Trento (séc. XVI) saiu o Catecismo para os Párocos. Depois de tentativa falhada do Vaticano I, saíram os dois Catecismos de São Pio X, muito difundidos até aos nossos dias. Mais recentemente, depois de vários catecismos para crianças e adolescentes, os Episcopados de vários países católicos publicaram catecismos para adultos.

Catecismo da Igreja Católica

3 - A pedido do Sínodo dos Bispos de 1985 (reunido para análise dos 20 anos de pós-Concílio), o Papas João Paulo II mandou elaborar este catecismo, de que aprovou a primeira redacção. Trata-se de um catecismo de referência, destinado, em primeiro lugar, aos bispos e, com eles, aos redactores de catecismos locais ou especiais, e também aos sacerdotes e catequistas.

Adoptou o esquema mais tradicional em quatro partes: A profissão da fé; Os sacramentos da fé; A vida de fé; A oração na vida de fé.

Sempre o papa João Paulo II mandou elaborar, em 2003, um **Compêndio do Catecismo da Igreja Católica**, que permita rápida consulta do essencial da doutrina cristã. Elaborado por uma comissão chefiada pelo Cardeal Ratzinger, futuro Bento XVI, o Compêndio foi por este aprovado a 28 de Junho de 2005, oferecendo uma visão completa da doutrina cristã em forma de perguntas e respostas, estando já traduzido nas principais línguas.

As novidades do Catecismo da Igreja Católica do ponto de vista catequético:

4 - Apelidado de Catecismo Maior, encontramos diante de algo totalmente novo, algo inédito na história da catequese! Este Catecismo da Igreja Católica ou este Catecismo Universal, ao contrário dos anteriores é:

a) Um fruto ou um exercício de colegialidade – foi redigido por alguns bispos e sujeito à apreciação de todos, particularmente através das Conferências Episcopais às quais se juntou a de um número considerável de Institutos Superiores e Escolas de Catequética, para não falar na contribuição e peritagem de especialistas nas diferentes disciplinas teológicas e bíblicas.

b) Um instrumento que nasce não por determinação, mas antes na continuação de um Concílio do Vaticano II do qual recolhe não só a inspiração mas, também, a experiência dos anos que se lhe seguiram para ser considerado como um fruto maduro e completo do pensamento pós-conciliar.

c) A continuidade de outros esforços de renovação: a renovação litúrgica; a renovação ao nível do governo da Igreja com a institucionalização dos Sínodos dos Bispos; a renovação do Código de Direito Canónico e,

finalmente, na linha de renovação procurada naquilo a que se tem vindo a chamar de nova evangelização. Nas palavras do próprio Papa João Paulo II: “O catecismo da Igreja Católica, partindo da escuta da Palavra leva à renovação da Igreja, ao diálogo acerca da Verdade e, atento aos Sinais dos tempos, apresenta-se como um instrumento de inculturação da fé”.

Objectivos do Catecismo da Igreja Católica

5 - Os seus objectivos são os seguintes:

- Pretende apresentar a doutrina de sempre numa nova linguagem.
- Pretende apresentar uma síntese da doutrina da fé tratada com unidade e profundidade; segundo as palavras que lhe servem de prólogo “tem como finalidade apresentar uma exposição orgânica e sistemática dos conteúdos essenciais e fundamentais da doutrina católica tanto sobre a fé como sobre a moral” (n. 11).
- É considerado oportuno porque conhece as exigências do homem moderno.
- Está enraizado na Tradição que recolhe, sintetizando as riquezas acumuladas ao longo de 20 séculos da História da Igreja Católica.

A quem se destina o Catecismo da Igreja Católica?

6 - É um Catecismo que se destina essencialmente aos Bispos, mas também a quantos exercem, em comunhão com eles, parte significativa do mistério eclesial. São sempre mencionados explicitamente aqueles que tiverem de elaborar catecismos nacionais ou diocesanos e, também algumas vezes, os catequistas.

O que é e para que serve o Catecismo da Igreja Católica?

7 - A intenção é a de ser um compêndio síntese que sirva de referência a outros textos com destinatários e objectivos específicos diferentes.

É um serviço que tem por objectivo a unidade da fé, a comunhão eclesial e a possibilidade de realização do esforço e do encontro da verdade, tudo isto, no respeito pela legítima diversidade!

Enquanto súplica da fé permite um verdadeiro diálogo, a partir da verdade, com todos os homens crentes, descrentes ou malcrentes. Percebe-se pois, que a preocupação maior deste texto sejam os conteúdos doutrinários.

Quanto ao conteúdo, o Catecismo divide-se segundo um tríptico clássico: Credo, Sacramentos e Mandamentos e Pai nosso (proclamação da fé que celebrada leva à vida, vida vivida fundamentalmente num diálogo orante).

As quatro partes do catecismo da Igreja Católica

8 - O Catecismo da Igreja Católica foi dividido em quatro partes, as quais estão ligadas entre si.

- Na primeira parte, é tratado o mistério cristão (Credo ou Símbolo dos Apóstolos), que é o objeto da fé, com a Profissão da Fé.
- Na segunda parte, é celebrado e comunicado, nos atos litúrgicos, o que professamos com a Celebração do Mistério Cristão.
- Na terceira parte, está presente para iluminar e amparar os filhos de Deus no seu agir cristão com a vida em Cristo.
- Por último, na quarta parte, fundada a nossa oração, cuja expressão privilegiada é o “Pai-Nosso” e constitui o objeto da nossa súplica, do nosso louvor e da nossa

intercessão, ou seja, o que de mais precisamos para o seguimento do Senhor: a oração cristã, que deve ser o alimento da nossa vida espiritual.

1ª parte: O CREDO-SÍMBOLO DOS APÓSTOLOS

A finalidade da catequese exprime-se através da profissão de fé no Deus Único: Pai, Filho e Espírito Santo

9 - A primeira parte do Catecismo da Igreja Católica apresenta a Profissão de Fé como a catequese baptismal fazia desde os tempos mais recuados, a saber, o Símbolo dos Apóstolos. Esse Símbolo foi desde o primeiro século a confissão baptismal da Igreja Romana que, a partir de Roma, servia de norma para toda a cristandade ocidental. Uma tradição que vai até ao quarto século subdivide o Símbolo em doze artigos, a partir do número simbólico dos doze apóstolos. Esta subdivisão tem um sentido válido, mas a estrutura original é mais simples: enquanto confissão baptismal, o Símbolo dos apóstolos é uma confissão no Deus Uno e Trino, Pai, Filho e Espírito Santo. É essa estrutura tripla, comum a todas as confissões baptismas, que serviu de ponto de orientação.

10 - Deste modo, destaca-se a hierarquia das verdades. No fundo, a fé cristã é fé em Deus, todo o resto é desenvolvimento. A nossa fé não é uma teoria, mas é um acontecimento, um encontro com Deus vivo que é o nosso Pai e que a colhe a natureza humana no seu Filho, Jesus Cristo, unindo-nos pelo Espírito; mantendo-se o Deus Uno e único.

Assim, por meio do ensinamento da fé com a confissão baptismal, tornou-se claro que a catequese não é a simples comunicação de uma teoria religiosa, mas põe em movimento um processo vital, a entrada no baptismo, na comunhão com Deus.

DIA **29**

V TEMA:

"EXPLICAÇÃO DAS 12
VERDADES CONTIDAS
NO CREDO"

EXPLICAÇÃO DAS 12 VERDADES CONTIDAS NO CREDO

Introdução

A celebração do Jubileu de 2025 é uma boa ocasião para examinarmos e fortalecermos a nossa fé através da leitura e estudo da I Parte do Catecismo da Igreja católica: A Profissão da Fé Cristã.

*Apresentamos, sob a forma de perguntas e respostas, a explicação das 12 verdades de Fé contidas no Credo, para ajudar os catequistas a conhecer e a fazer conhecer as verdades contidas no Credo. A fonte onde fomos beber foi o **Compêndio Catecismo da Igreja Católica**, publicado em 2005, e que contém de forma resumida os principais elementos do Catecismo da Igreja Católica.*

1. CREIO EM DEUS, PAI TODO-PODEROSO

1. Porque é que o Credo começa com «Creio em Deus»?

Porque a afirmação «Creio em Deus» é a mais importante, a fonte das outras verdades respeitantes ao homem, ao mundo e à nossa vida de crentes n'Ele.

2. Porque professamos um só Deus?

Porque Ele se revelou ao povo de Israel como o Único, quando disse: «Escuta Israel, o Senhor é um só» (Dt 6,4), «não há outros» (Is 45,22). O próprio Jesus o confirmou: Deus é «o único Senhor» (Mc 12,29). Professar que Jesus e o Espírito Santo são também eles Deus e Senhor, não introduz nenhuma divisão no Deus Uno.

3. Qual é o mistério central da fé e da vida cristã?

O mistério central da fé e da vida cristã é o mistério da Santíssima Trindade. Os cristãos são batizados no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

4. O que nos revela Jesus Cristo sobre o mistério do Pai?

Jesus Cristo revela-nos que Deus é «Pai», não só enquanto é Criador do universo e do homem, mas sobretudo porque, no seu seio, gera eternamente o Filho, que é o seu Verbo, «resplendor da sua glória, e imagem da sua substância» (Heb1, 3).

5. Quem é o Espírito Santo que Jesus Cristo nos revelou?

É a terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Ele é Deus, uno e igual ao Pai e ao Filho. Ele «procede do Pai» (Jo 15, 26), o qual, princípio sem princípio, é a origem de toda a vida trinitária. E procede também do Filho, pelo dom eterno que o Pai faz de Si ao Filho. Enviado pelo Pai e pelo Filho encarnado, o Espírito Santo conduz a Igreja «ao conhecimento da Verdade total» (Jo 16, 13).

6. Como é que a Igreja exprime a sua fé trinitária?

A Igreja exprime a sua fé trinitária confessando um só Deus em três Pessoas: Pai e Filho e Espírito Santo. As três Pessoas divinas são um só Deus, porque cada uma delas é idêntica à plenitude da única e indivisível natureza divina. Elas são realmente distintas entre si, pelas relações que as referenciam umas às outras: o Pai gera o Filho, o Filho é gerado pelo Pai, o Espírito Santo procede do Pai e do Filho.

7. Como agem as três Pessoas divinas?

Inseparáveis na sua única substância, as Pessoas divinas são inseparáveis também no seu agir: a Trindade tem uma só e mesmo agir. Mas no único agir de Deus, cada Pessoa está presente segundo o modo que lhe é próprio na Trindade.

8. O que significa que Deus é todo-poderoso?

Deus revelou-se como «o Forte, o Potente» (Sal 24, 8-10), Aquele para quem «nada é impossível» (Lc 1,37). O seu poder manifesta-se na criação do mundo a partir do nada e na criação do homem por amor, mas sobretudo na Encarnação e na Ressurreição do Seu Filho, no dom da adopção filial (faz-nos seus filhos) e no perdão dos pecados.

2. CREIO EM DEUS, ...CRIADOR DO CÉU E DA TERRA

9. Porque é importante afirmar: «No princípio criou Deus o céu e a terra» (Gn 1,1)?

Porque a Criação é o fundamento de todos os projectos divinos de salvação; manifesta o amor de Deus; é o primeiro passo para a Aliança do Deus com o seu povo; é o início da história da salvação que tem o seu centro em Cristo; é uma primeira resposta às questões fundamentais do homem acerca da sua própria origem e do seu fim.

10. Quem criou o mundo?

O Pai, o Filho e o Espírito Santo são o princípio único e indivisível do mundo, ainda que a obra da criação do mundo seja particularmente atribuída ao Pai.

11. Para que foi criado o mundo?

O mundo foi criado para a glória de Deus, que quis manifestar e comunicar a sua bondade, verdade e beleza. O fim último da criação é que Deus, em Cristo, possa ser «tudo em todos» (1 Cor 15,28), para a sua glória e para a nossa felicidade.

12. Como é que Deus criou o universo

Deus criou o universo livremente, com sabedoria e amor. O mundo não é o produto duma necessidade ou do acaso. Deus criou «do nada» (2Mac 7,28) um mundo ordenado e bom. Deus conserva no ser a sua criação e sustenta-a, dando-lhe a capacidade de agir, e conduzindo-a à sua realização, por meio do seu Filho e do Espírito Santo.

13. Se Deus é todo-poderoso porque é que existe o mal?

A esta pergunta só a fé cristã pode dar resposta. Deus não é a causa do mal. Ele ilumina o mistério do mal no seu Filho Jesus Cristo, que morreu e ressuscitou para vencer aquele grande mal moral que é o pecado dos homens e que é a raiz dos outros males.

14. Porque é que Deus permite o mal?

A fé dá-nos a certeza de que Deus não permitiria o mal se do próprio mal não saísse o bem. Deus realizou isso mesmo na morte e ressurreição de Cristo: com efeito, do maior mal moral, a morte do Seu Filho, Ele retirou os bens maiores, a glorificação de Cristo e a nossa salvação.

15. O que é que Deus criou?

A Sagrada Escritura diz: «No princípio Deus criou o céu e a terra» (Gn 1,1). A Igreja, na sua profissão de fé,

proclama que Deus é o criador de todas as coisas visíveis e invisíveis: de todos os seres espirituais e materiais, isto é, dos anjos e do mundo visível, e em particular do homem.

16. Quem são os anjos?

Os anjos são criaturas puramente espirituais, sem corpo, invisíveis e imortais, seres pessoais dotados de inteligência e de vontade. Estes, contemplando incessantemente a Deus face a face, glorificam-no, servem-no e são os seus mensageiros no cumprimento da missão de salvação, em prol de todos os homens.

17. Que ensina a Sagrada Escritura sobre a criação do mundo visível?

Ao narrar os «seis dias» da criação, a Bíblia dá-nos a conhecer o valor dos seres criados e a sua finalidade de louvor a Deus e serviço ao homem. Todas as coisas devem a sua existência a Deus, de quem recebem a sua bondade e perfeição, as suas leis e o lugar no universo.

18. Qual é o lugar do homem na criação?

O homem é o vértice e o centro da criação visível, pois é criado à imagem e semelhança de Deus.

19. Em que sentido o homem é criado «à imagem de Deus»?

Afirmar que o homem é criado à imagem de Deus significa que ele é capaz de conhecer e amar, na liberdade, o próprio Criador. É a única criatura, nesta terra, que Deus quis por si mesma e que chamou a partilhar a sua vida divina, no conhecimento e no amor. Enquanto criado à imagem de Deus, o homem tem a dignidade de pessoa: não é uma coisa mas alguém,

capaz de se conhecer a si mesmo, de se dar livremente e de entrar em comunhão com Deus e com as outras pessoas.

20. Para que fim Deus criou o homem?

Deus criou tudo para o homem, mas o homem foi criado para conhecer, servir e amar a Deus, para Lhe oferecer neste mundo toda a criação em acção de graças e para ser elevado à vida com Deus no céu.

21. Como é que, no homem, a alma e o corpo formam uma unidade

A pessoa humana é um ser ao mesmo tempo corporal e espiritual. O espírito e a matéria, no homem, formam uma única natureza. Esta unidade é tão profunda que, graças ao princípio espiritual que é a alma, o corpo, que é material, se torna um corpo humano e vivo e participa na dignidade de imagem de Deus.

22. Quem dá a alma ao ser humano

A alma espiritual não vem dos pais, mas é criada directamente por Deus e é imortal. Separando-se do corpo no momento da morte, ela não morre; voltará a unir-se novamente ao corpo, no momento da ressurreição final.

23. Qual era a condição originária do homem segundo o projecto de Deus?

Segundo o projecto de Deus, o homem não deveria nem sofrer nem morrer. Além disso, reinava uma harmonia perfeita no próprio ser humano, entre a criatura e o criador, entre o homem e a mulher, bem como entre o primeiro casal humano e toda a criação.

24. Como se compreende a realidade do pecado?

O pecado está presente na história do homem. Tal realidade só se esclarece plenamente à luz da Revelação divina, e sobretudo à luz de Cristo Salvador universal, que fez superabundar a graça onde abundou o pecado.

25. O que é a queda dos anjos?

Com esta expressão indica-se que Satanás e os outros demónios de que falam a Sagrada Escritura e a Tradição da Igreja, de anjos criados bons por Deus, se transformaram em maus, porque recusaram Deus e o seu Reino, dando assim origem ao inferno. Procuram associar o homem à sua rebelião contra Deus; mas Deus afirma em Cristo a Sua vitória segura sobre o Maligno.

26. Em que consiste o primeiro pecado do homem?

O homem, tentado pelo diabo, deixou apagar no seu coração a confiança em relação ao seu Criador e, desobedecendo-lhe, quis tornar-se «como Deus», sem Deus e não segundo Deus (Gn 3, 5). Assim, Adão e Eva perderam imediatamente, para si e para todos os seus descendentes, a graça da santidade e da justiça originais.

27. O que é o pecado original?

O pecado original, no qual todos os homens nascem, é o estado de privação da santidade e da justiça originais. É um pecado por nós «contraído» e não «cometido»; é uma condição de nascimento e não um acto pessoal. Por causa da unidade de origem de todos os homens, ele transmite-se aos descendentes de Adão com a natureza humana, «não por imitação mas por propagação». Esta transmissão permanece um mistério que não podemos compreender plenamente.

28. Que outras consequências provoca o pecado original?

Em consequência do pecado original, a natureza humana, sem ser totalmente corrompida, fica ferida nas suas forças naturais, submetida à ignorância, ao sofrimento, ao poder da morte, e inclinada ao pecado.

29. Depois do primeiro pecado, o que fez Deus?

Após o primeiro pecado, o mundo foi inundado por pecados, mas Deus não abandonou o homem ao poder da morte. Pelo contrário, pré-anunciou (Gn 3,15) – que o mal seria vencido e o homem levantado da queda. É o primeiro anúncio do Messias redentor.

3. CREIO EM JESUS CRISTO, SEU ÚNICO FILHO, NOSSO SENHOR

30. Qual é a Boa Nova para o homem?

É o anúncio de Jesus Cristo, «o Filho do Deus vivo» (Mt 16,16), morto e ressuscitado. No tempo do rei Herodes e do imperador César Augusto, Deus cumpriu as promessas feitas a Abraão e à sua descendência enviando «o Seu Filho, nascido de uma mulher e sujeito à Lei, para resgatar os que estavam sujeitos à Lei, e nos tornar seus filhos adoptivos» (Gal 4, 4-5).

31. Que significa o nome «Jesus»?

Dado pelo Anjo no momento da Anunciação, o nome «Jesus» significa «Deus salva». Exprime a sua identidade e a sua missão, «porque é Ele que salvará o seu povo dos seus pecados» (Mt 1,21). Pedro afirma que «não existe debaixo do céu outro Nome dado aos homens pelo qual possamos ser salvos» (Act 4,12).

32. Porque é que Jesus é chamado «Cristo»?

«Cristo» em grego, «Messias» em hebraico, significa «ungido». Jesus é o Cristo porque é consagrado por Deus, ungido pelo Espírito Santo para a missão redentora. Ele é o Messias esperado por Israel, enviado ao mundo pelo Pai. Do nome Cristo é que veio para nós o nome de *cristãos*.

33. Em que sentido Jesus é o «Filho Unigénito de Deus»?

No sentido único e perfeito. No momento do Baptismo e da Transfiguração, a voz do Pai designa Jesus como seu «Filho predilecto». Apresentando-se a Si mesmo como o Filho que «conhece o Pai» (Mt 11,27), Jesus afirma a Sua relação única e eterna com Deus Seu Pai. Ele é «o Filho Unigénito de Deus» (1 Jo 2, 23), a segunda Pessoa da Trindade. É o centro da pregação apostólica: os Apóstolos viram «a Sua glória, como de Unigénito do Pai» (Jo 1, 14).

34. O que significa o título «Senhor»?

Na Bíblia, este título designa habitualmente Deus Soberano. Jesus atribui-o a si mesmo e revela a sua soberania divina através do poder sobre a natureza, sobre os demónios, sobre o pecado e sobre a morte, sobretudo com a sua Ressurreição.

4. CREIO EM JESUS CRISTO, ...CONCEBIDO PELO PODER DO ESPÍRITO SANTO, NASCEU DA VIRGEM MARIA

35. Porque é que o Filho de Deus se fez homem?

O Filho de Deus encarnou no seio da Virgem Maria pelo poder do Espírito Santo, por causa de nós homens

e para nossa salvação, ou seja: para nos reconciliar a nós pecadores com Deus; para nos fazer conhecer o seu amor infinito; para ser o nosso modelo de santidade; para nos tornar «participantes da natureza divina» (2 Ped 1, 4).

36. Que significa a palavra «Encarnação»?

A Igreja chama «Encarnação» ao mistério da união da natureza divina e da natureza humana na única Pessoa divina do Verbo. Para realizar a nossa salvação, o Filho de Deus fez-se «carne» (Jo 1,14) tornando-se verdadeiramente homem. A fé na Encarnação é o sinal distintivo da fé cristã.

37. De que modo Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem?

Jesus é, inseparavelmente, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, na unidade da sua Pessoa divina. Ele, o Filho de Deus, que é «gerado, não criado, consubstancial ao Pai», fez-se verdadeiramente homem, nosso irmão, sem com isto deixar de ser Deus, nosso Senhor.

38. Que ensina acerca disto o Concílio de Calcedónia (ano 451)?

O Concílio de Calcedónia ensina a confessar «um só e mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, perfeito na sua divindade e perfeito na sua humanidade; verdadeiro Deus e verdadeiro homem, composto de alma racional e de corpo, consubstancial ao Pai pela sua divindade, consubstancial a nós pela humanidade, “em tudo semelhante a nós, excepto no pecado” (Heb 4, 15); gerado pelo Pai antes de todos os séculos, segundo a divindade e, nestes últimos tempos, por nós homens e para nossa salvação, nascido da Virgem Maria e Mãe de Deus, segundo a humanidade».

39. Como é que a Igreja exprime do mistério da Encarnação?

Exprime-o afirmando que Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, com duas naturezas, a divina e a humana, que se não confundem, mas estão unidas na Pessoa do Verbo. Portanto, na humanidade de Jesus, tudo – milagres, sofrimento, morte – deve ser atribuído à sua Pessoa divina, que age através da natureza humana assumida.

40. O Filho de Deus feito homem tinha uma alma com um conhecimento humano?

O Filho de Deus assumiu um corpo animado por uma alma racional humana. Com a sua inteligência humana, Jesus aprendeu muitas coisas através da experiência. Mas também, como homem, o Filho de Deus tinha um conhecimento íntimo e imediato de Deus seu Pai. Penetrava igualmente os pensamentos secretos dos homens e conhecia plenamente o plano de salvação de Deus que Ele vinha dar a conhecer.

41. Como se harmonizam as duas vontades do Verbo encarnado?

Jesus tem uma vontade divina e uma vontade humana. Na sua vida terrena, o Filho de Deus quis humanamente o que divinamente decidiu com o Pai e o Espírito Santo para a nossa salvação. A vontade humana de Cristo segue, sem oposição, a vontade divina porque está subordinada a ela.

42. Cristo tinha um verdadeiro corpo humano?

Cristo assumiu um verdadeiro corpo humano, através do qual Deus invisível se tornou visível. Por esta razão, Cristo pode ser representado e venerado nas santas imagens.

43.«Concebido por obra do Espírito Santo...»: o que significa esta expressão?

Significa que a Virgem Maria concebeu o Filho eterno no seu seio, por obra do Espírito Santo e sem a colaboração de homem: «O Espírito Santo descera sobre ti» (Lc 1, 35), disse-lhe o Anjo na Anunciação.

44. «...Nascido da Virgem Maria»: porque é que Maria é verdadeiramente Mãe de Deus?

Maria é verdadeiramente *Mãe de Deus* porque é a mãe de Jesus (Jo 2,1; 19,25). Com efeito, Aquele que foi concebido por obra do Espírito Santo e que se tornou verdadeiramente Filho de Maria é o Filho eterno de Deus Pai. É Ele mesmo Deus.

45.O que significa «Imaculada Conceição»?

Deus escolheu gratuitamente Maria desde toda a eternidade para que fosse a Mãe de seu Filho: para cumprir tal missão, foi *concebida imaculada*. Isto significa que, pela graça de Deus e em previsão dos méritos de Jesus Cristo, Maria foi preservada do pecado original desde a sua concepção.

46.Que significa a concepção virginal de Jesus?

Significa que Jesus foi concebido no seio da Virgem apenas pelo poder do Espírito Santo, sem intervenção de homem. Ele é o Filho do Pai celeste, segundo a natureza divina, e Filho de Maria segundo a natureza humana, mas propriamente Filho de Deus nas suas naturezas, existindo nele uma única Pessoa, a divina.

47.Em que sentido Maria é «sempre Virgem»?

No sentido de que Maria «permaneceu Virgem na concepção do seu Filho, Virgem no parto, Virgem grávida, Virgem mãe, Virgem perpétua» (Santo Agostinho). Portanto, quando os Evangelhos falam de «irmãos e

irmãos de Jesus», trata-se de parentes próximos de Jesus, segundo uma expressão usual na Sagrada Escritura.

48. Que ensina o Evangelho sobre os Mistérios do nascimento e da infância de Jesus?

No *Natal*, a glória do Céu manifesta-se na debilidade dum menino; a *circuncisão* de Jesus é sinal da pertença ao povo hebraico e prefiguração do nosso Baptismo; a *Epifania* é a manifestação do Rei-Messias de Israel a todas as gentes; na sua *apresentação no templo*, em Simeão e Ana é toda a esperança de Israel que vem ao encontro do seu Salvador; a *fuga para o Egipto* e a matança dos inocentes anunciam que toda a vida de Cristo estará sob o sinal da perseguição; o seu *regresso do Egipto* recorda o Êxodo e apresenta Jesus como o novo Moisés: Ele é o verdadeiro e definitivo libertador.

49. Porque é que Jesus recebe de João o «baptismo de conversão para o perdão dos pecados» (Lc 3, 3)?

Para dar início à sua vida pública e antecipar o «Baptismo» da Sua morte: aceita assim, embora sendo sem pecado, ser contado entre os pecadores, Ele, «o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo» (Jo 1,29). O Pai proclama-O Seu «Filho predilecto» (Mt 3,17) e o Espírito desce sobre Ele. O baptismo de Jesus é a prefiguração do nosso baptismo.

50. O que revelam as tentações de Jesus no deserto?

As tentações de Jesus recapitulam a tentação de Adão no paraíso e as de Israel no deserto. Satanás tenta Jesus na sua obediência à missão que Lhe tinha sido confiada pelo Pai. Cristo, novo Adão, resiste, e a sua vitória anuncia a vitória da sua paixão, suprema obediência do seu amor filial. A Igreja une-se, em particular, a este Mistério, no tempo litúrgico da *Quaresma*.

51. Quem é convidado para o Reino de Deus, anunciado e realizado por Jesus?

Jesus convida todos os homens a tomar parte no Reino de Deus. Mesmo o pior pecador é chamado a converter-se e a aceitar a infinita misericórdia do Pai. O Reino pertence, já aqui sobre a terra, àqueles que o acolhem com coração humilde. É a eles que são revelados os seus Mistérios.

52. Porque é que Jesus anuncia o Reino com sinais e milagres?

Jesus acompanha a sua palavra com *sinais e milagres* para atestar que o Reino está presente n'Ele, o Messias. Embora Ele cure algumas pessoas, não veio para eliminar todos os males aqui na terra, mas, antes de mais, para nos libertar da escravidão do pecado. A expulsão dos demónios anuncia que a sua cruz será vitoriosa sobre o «príncipe deste mundo» (Jo 12,31).

53. Que autoridade confere Jesus aos seus Apóstolos, no Reino?

Jesus escolhe os Doze, futuras testemunhas da sua Ressurreição, e torna-os participantes da sua missão e da sua autoridade para ensinar, absolver os pecados, edificar e governar a Igreja. Neste colégio, Pedro recebe «as chaves do Reino» (Mt 16,19) e ocupa o primeiro lugar, com a missão de guardar a fé na sua integridade e de confirmar os seus irmãos.

54. Como se deu a entrada messiânica em Jerusalém

No tempo estabelecido, Jesus decide subir a Jerusalém para sofrer a sua paixão, morrer e ressuscitar. Como Rei Messias que manifesta a vinda do reino, Ele entra na sua cidade montado num jumento. É acolhido pelos humildes, cuja aclamação é retomada no Sanctus eucarístico: «Bendito aquele que vem no nome do

Senhor! *Hossana (salva-nos)*» (Mt 21,9). A liturgia da Igreja inicia a Semana Santa com a celebração desta entrada em Jerusalém.

5. CREIO EM JESUS CRISTO, ...PADECEU SOB PÔNCIO PILATOS. FOI CRUCIFICADO, MORTO E SEPULTADO

55.Qual é a importância do Mistério pascal de Jesus?

O Mistério pascal de Jesus, que compreende a sua paixão, morte, ressurreição e glorificação, está no centro da fé cristã, porque o plano salvífico de Deus se realizou uma vez por todas com a morte redentora do seu Filho, Jesus Cristo.

56.Quais as acusações para a condenação de Jesus?

Alguns chefes de Israel acusaram Jesus de agir contra a Lei, contra o templo de Jerusalém, e em particular contra a fé no Deus único, porque Ele se proclamava Filho de Deus. Por isso, O entregaram a Pilatos, para que O condenasse à morte.

57.Porque é que a morte de Cristo faz parte do plano de Deus?

Para reconciliar consigo todos os homens votados à morte por causa do pecado, Deus tomou a iniciativa amorosa de enviar o Seu Filho para que se entregasse à morte pelos pecadores. Anunciada no Antigo Testamento, em particular como sacrifício do Servo sofredor, a morte de Jesus acontece «segundo as Escrituras».

58.Com é que Cristo se ofereceu ao Pai?

Toda a vida de Cristo é oferta livre ao Pai para realizar o seu plano de salvação. Ele dá «a sua vida em resgate por muitos» (Mc 10,45) e deste modo reconcilia com Deus

toda a humanidade. O seu sofrimento e a sua morte manifestam como a sua humanidade é o instrumento livre e perfeito do Amor divino que quer a salvação de todos os homens.

59. Como se manifesta na última Ceia a oferta de Jesus?

Na última Ceia com os Apóstolos, na vigília da paixão, Jesus antecipa, isto é, significa e realiza antecipadamente a oferta voluntária de Si mesmo: «este é o meu corpo entregue por vós», «este é o meu sangue, que é derramado...» (Lc 22,19-20). Ele institui assim ao mesmo tempo a Eucaristia como «memorial» (1 Cor 11,25) do seu sacrifício e os seus Apóstolos como sacerdotes da nova Aliança.

60. Que acontece na agonia do horto do Getsemani?

Apesar do medo que a morte, a vontade humana do Filho de Deus adere à vontade do Pai: para nos salvar, Jesus aceita carregar sobre Si os nossos pecados no seu corpo, «fazendo-se obediente até à morte» (Fil 2,8).

61. Quais os efeitos do sacrifício de Cristo na cruz?

Jesus ofereceu livremente a Sua vida em sacrifício de expiação, isto é, reparou as nossas culpas com a plena obediência do Seu amor até à morte. Este «amor até ao fim» (Jo 13,1) do Filho de Deus reconcilia com o Pai toda a humanidade. O sacrifício pascal de Cristo resgata portanto os homens num modo único, perfeito e definitivo, e abre-lhes a comunhão com Deus.

62. Em que condições estava o corpo de Cristo no sepulcro?

Cristo conheceu uma verdadeira morte e uma verdadeira sepultura. Mas o poder divino preservou o seu corpo da corrupção.

6. CREIO EM JESUS CRISTO, ...DESCEU À MANSÃO DOS MORTOS, RESSUSCITOU AO TERCEIRO DIA

63.O que são «os infernos» (mansão dos mortos), aos quais Jesus desceu?

Os «infernos» (não confundir com o inferno da condenação) ou mansão dos mortos, designam o estado de todos aqueles que, justos ou maus, morreram antes de Cristo. Com a alma unida à sua Pessoa divina, Jesus alcançou, nos infernos, os justos que esperavam o seu Redentor para acederem finalmente à visão de Deus. Depois de com a sua morte, ter vencido a morte e o diabo «que da morte tem o poder» (Heb 2,14), libertou os justos que esperavam o Redentor, e abriu-lhes as portas do Céu.

64.Que lugar ocupa a ressurreição de Cristo na nossa fé?

A Ressurreição de Jesus é a verdade culminante da nossa fé em Cristo e representa, com a Cruz, uma parte essencial do Mistério pascal.

65.Que «sinais» atestam a ressurreição de Jesus?

Para além do sinal essencial constituído pelo túmulo vazio, a Ressurreição de Jesus é atestada pelas mulheres que foram as primeiras a encontrar Jesus e o anunciaram aos Apóstolos. A seguir, Jesus «apareceu a Cefas (Pedro) e depois aos Doze. Seguidamente, apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez» (1 Cor 15,5-6) e a outros ainda. Os Apóstolos não teriam podido inventar a Ressurreição, uma vez que esta lhes parecia impossível: de facto, Jesus repreendeu-os pela sua incredulidade.

66.Qual é o estado do corpo ressuscitado de Jesus

A Ressurreição de Cristo não foi um regresso à vida terrena. O Seu corpo ressuscitado é Aquele que foi

crucificado e apresenta os vestígios da Sua Paixão, mas é doravante participante da vida divina com as propriedades dum corpo glorioso. Por esta razão, Jesus ressuscitado é soberanamente livre de aparecer aos seus discípulos como Ele quer, onde Ele quer e sob aspectos diversos.

67. De que modo a Ressurreição é obra da Santíssima Trindade?

A Ressurreição de Cristo é uma obra transcendente de Deus. As três Pessoas actuam conjuntamente segundo o que lhes é próprio: o Pai manifesta o Seu poder; o Filho «retoma» a vida que livremente ofereceu (Jo 10,17) reunindo a Sua alma e o Seu corpo, que o Espírito vivifica e glorifica.

68. Qual o sentido e a importância da Ressurreição?

A Ressurreição é o culminar da Encarnação. Ela confirma a divindade de Cristo, e também tudo o que Ele fez e ensinou, e realiza todas as promessas divinas em nosso favor. Além disso, o Ressuscitado, vencedor do pecado e da morte, é o princípio da nossa justificação e da nossa Ressurreição: a partir de agora, Ele garante-nos a graça da adopção filial que é a participação real na sua vida de Filho unigénito; depois, no final dos tempos, Ele ressuscitará o nosso corpo.

7. CREIO EM JESUS CRISTO, ...SUBIU AOS CÉUS; ESTÁ SENTADO À DIREITA DE DEUS PAI TODO-PODEROSO

69. O que é que significa a Ascensão?

Passados os quarenta dias em que se mostrou aos Apóstolos sob as aparências duma humanidade normal que ocultavam a sua glória de Ressuscitado, Cristo sobe ao céu e senta-se à direita do Pai. Ele é o Senhor que

agora reina com a sua humanidade na glória eterna de Filho de Deus e sem cessar intercede por nós junto do Pai. Envia-nos o Seu Espírito e tendo-nos preparado um lugar, dá-nos a esperança de um dia ir ter com Ele.

70. Como reina agora o Senhor Jesus?

Senhor do cosmos e da história, Cabeça da sua Igreja, Cristo glorificado permanece misteriosamente sobre a terra, onde o Seu Reino já está presente como germe e início na Igreja. Ele um dia voltará em glória, mas não sabemos quando. Por isso, vivemos vigilantes, rezando: «Vem, Senhor» (Ap 22,20).

71. Como se realizará a vinda do Senhor na glória?

Após o último abalo cósmico deste mundo que passa, a vinda gloriosa de Cristo acontecerá com o triunfo definitivo de Deus na Parusia de Cristo e com o Juízo final. Assim se cumprirá o Reino de Deus.

72. Como é que Cristo julgará os vivos e os mortos?

Cristo julgará com o poder adquirido como Redentor do mundo, vindo para salvar os homens. Os segredos dos corações serão revelados, bem como o procedimento de cada um em relação a Deus e ao próximo. Cada homem será repleto de vida ou condenado para a eternidade segundo as suas obras. Assim se realizará «a plenitude de Cristo» (Ef 4,13), na qual «Deus será tudo em todos» (1 Cor 15,28).

8. CREIO NO ESPÍRITO SANTO

73. Que quer dizer a Igreja quando professa: «Creio no Espírito Santo»?

Crer no Espírito Santo é professar a terceira Pessoa da Santíssima Trindade, que procede do Pai e do Filho, e

«com o Pai e o Filho é adorado e glorificado». O Espírito foi «enviado aos nossos corações» (Gal 4,6) para recebermos a vida nova de filhos de Deus.

74. Porque é que as missões do Filho e do Espírito são inseparáveis?

Na Trindade indivisível, o Filho e o Espírito são distintos mas inseparáveis. De facto, desde o princípio até ao final dos tempos, quando o Pai envia o Seu Filho, envia também o Seu Espírito que nos une a Cristo na fé, para, como filhos adoptivos, podermos chamar Deus «Pai» (Rm 8,15). O Espírito é invisível, mas nós conhecemo-lo através da sua acção quando nos revela o Verbo e quando age na Igreja.

75. Quais são as designações do Espírito Santo?

«Espírito Santo» é o nome próprio da terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Jesus chama-lhe também: Espírito Paráclito (Consolador, Advogado) e Espírito de Verdade. O Novo Testamento chama-o ainda: Espírito de Cristo, do Senhor, de Deus, Espírito da glória, da promessa.

76. Com que símbolos se representa o Espírito Santo?

São numerosos: a água viva que jorra do coração trespassado de Cristo e dessedenta os baptizados; a unção com o óleo que é o sinal sacramental da Confirmação; o fogo que transforma o que toca; a nuvem, obscura e luminosa, na qual se revela a glória divina; a imposição das mãos mediante a qual é dado o Espírito; a pomba que desce sobre Cristo e permanece sobre Ele no baptismo.

77. O que significa que o Espírito «falou pelos profetas»?

Com o termo profetas entende-se todos os que foram inspirados pelo Espírito Santo para falar em nome

de Deus. O Espírito conduz as profecias do Antigo Testamento ao seu pleno cumprimento em Cristo, de quem revela o mistério no Novo Testamento.

78.O que é que o Espírito Santo realiza em João Baptista?

João Baptista, o último profeta do Antigo Testamento é cheio do Espírito Santo, que o envia a «preparar para o Senhor um povo bem disposto» (Lc 1,17) e a anunciar a vinda de Cristo, Filho de Deus: Aquele sobre o qual João viu o Espírito descer e permanecer, «Aquele que baptiza no Espírito» (Jo 1,33).

79.Qual é a obra do Espírito em Maria?

Em Maria, o Espírito Santo realiza as expectativas e a preparação do Antigo Testamento para a vinda de Cristo. De forma única enche-a de graça e torna fecunda a sua virgindade para dar à luz o Filho de Deus encarnado. Faz dela a Mãe do «Cristo total», isto é, de Jesus Cabeça e da Igreja que é o seu corpo. Maria está com os Doze no dia de Pentecostes, quando o Espírito inaugura os «últimos tempos» com a manifestação da Igreja.

80.Qual a relação entre o Espírito e Cristo Jesus, na missão terrena?

O Filho de Deus é consagrado Messias através da unção do Espírito na sua humanidade desde a Encarnação. Ele revela-O no seu ensino, cumprindo a promessa feita aos antepassados e comunica-O à Igreja nascente, soprando sobre os Apóstolos depois da Ressurreição.

81.O que acontece no Pentecostes?

Cinquenta dias após a Ressurreição, no Pentecostes, Jesus Cristo glorificado infunde o Espírito em abundância e manifesta-O como Pessoa divina, de modo que a Santíssima Trindade é plenamente revelada.

A Missão de Cristo e do Espírito torna-se a Missão da Igreja, enviada a anunciar e a difundir o mistério da comunhão trinitária.

82. Que faz o Espírito Santo na Igreja?

O Espírito edifica, anima e santifica a Igreja: Espírito de Amor, Ele torna a dar aos batizados a semelhança divina perdida por causa do pecado e fá-los viver em Cristo da própria Vida da Santíssima Trindade. Envia-os a testemunhar a Verdade de Cristo e organiza-os nas suas mútuas funções, para que todos dêem «o fruto do Espírito» (Gal 5,22).

83. Como actuam Cristo e o seu Espírito no coração dos fiéis?

Por meio dos sacramentos, Cristo comunica aos membros do Seu Corpo o Seu Espírito e a graça de Deus que produz os frutos de vida nova, segundo o Espírito. Finalmente, o Espírito Santo é o Mestre da oração.

9. CREIO NA SANTA IGREJA CATÓLICA

84. O que significa a palavra Igreja?

Designa o povo que Deus chama e reúne de todos os lados, para constituir a assembleia daqueles que, pela fé e pelo Baptismo, se tornam filhos de Deus, membros de Cristo e templo do Espírito Santo.

85. Quais são as origens e a realização plena da Igreja?

A Igreja encontra a sua origem e a sua realização plano eterno de Deus. Foi preparada na Antiga Aliança com a eleição de Israel, sinal da reunião futura de todas as nações. Fundada pelas palavras e acções de Jesus Cristo, foi realizada sobretudo mediante a sua morte redentora

e a sua ressurreição. Foi depois manifestada como mistério de salvação mediante a descida do Espírito Santo, no dia de Pentecostes. Terá a sua realização plena no fim dos tempos, como assembleia celeste de todos os redimidos.

86.Qual é a missão da Igreja?

A missão da Igreja é a de anunciar e instaurar no meio de todos os povos o Reino de Deus inaugurado por Jesus Cristo. Ela é, na terra, a semente e o início deste Reino de salvação.

87.Que significa que a Igreja é sacramento universal de salvação?

Significa que é sinal e instrumento da reconciliação e da comunhão de toda a humanidade com Deus e da unidade de todo o género humano.

88.Porque é que a Igreja é povo de Deus?

A Igreja é o povo de Deus porque Deus quer santificar e salvar os homens não isoladamente mas constituindo-os num só povo, reunido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

89.Quais são as características do povo de Deus?

Este povo, de que nos tornamos membros mediante a fé em Cristo e o Baptismo, tem por origem Deus Pai, por cabeça Jesus Cristo, por condição a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus, por lei o mandamento novo do amor, por missão a de ser o sal da terra e a luz do mundo, por fim o Reino de Deus, já iniciado na terra.

90.Em que sentido o povo de Deus participa das três funções de Cristo: Sacerdote, Profeta e Rei?

O povo de Deus participa no ministério sacerdotal de Cristo, enquanto os baptizados são consagrados pelo

Espírito Santo para oferecer sacrifícios espirituais; participa no seu ministério profético, enquanto, com o sentido sobrenatural da fé, a esta adere, a aprofunda e testemunha; e participa no seu ministério real com o serviço, imitando Jesus Cristo, que, rei do universo, se fez servo de todos, sobretudo dos pobres e dos que sofrem.

91. Como é que a Igreja é corpo de Cristo?

Por meio do Espírito, Cristo morto e ressuscitado une intimamente a Si os seus fiéis. Deste modo, os crentes em Cristo, enquanto unidos estreitamente a Ele, sobretudo na Eucaristia, são unidos entre si na caridade, formando um só corpo, a Igreja, cuja unidade se realiza na diversidade dos membros e das funções. Cristo «é a Cabeça do corpo, que é a Igreja (Col 1,18). A Igreja vive d'Ele, n'Ele e para Ele.

92. Porque é que a Igreja é designada *templo do Espírito Santo*?

Porque o Espírito Santo vive no corpo que é a Igreja: na sua Cabeça e nos seus membros; para além disso, Ele edifica a Igreja na caridade com a Palavra de Deus, os sacramentos, as virtudes e os carismas.

93. Porque é que a Igreja é una?

A Igreja é una porque tem como origem e modelo a unidade na Trindade das Pessoas de um só Deus; porque tem como fundador e cabeça Jesus Cristo, que restabelece a unidade de todos os povos num só corpo; e porque tem como alma o Espírito Santo, que une todos os fiéis na comunhão em Cristo. Ela tem uma só fé, uma só vida sacramental, uma única sucessão apostólica, uma comum esperança e a mesma caridade.

94. Onde subsiste a única Igreja de Cristo?

A única Igreja de Cristo, como sociedade constituída e organizada no mundo, subsiste na Igreja católica,

governada pelo sucessor de Pedro e pelos Bispos em comunhão com ele. Só por meio dela se pode obter toda a plenitude dos meios de salvação, pois o Senhor confiou todos os bens da Nova Aliança ao único colégio apostólico, cuja cabeça é Pedro.

95. Como considerar os cristãos não católicos?

Nas Igrejas e comunidades eclesiais, que se desligaram da plena comunhão da Igreja católica, encontram-se muitos elementos de santificação e de verdade. Todos estes bens provêm de Cristo e conduzem para a unidade católica. Os membros destas Igrejas e comunidades são incorporados em Cristo pelo Baptismo: por isso, nós reconhecemo-los como irmãos.

96. Como empenhar-se em favor da unidade dos cristãos?

O desejo de restabelecer a união de todos os cristãos é um dom de Cristo e um apelo do Espírito. Ele diz respeito a toda a Igreja e realiza-se mediante a conversão do coração, a oração, o recíproco conhecimento fraterno, o diálogo teológico.

97. Em que sentido a Igreja é santa?

A Igreja é santa, porque Deus Santíssimo é o seu autor; Cristo entregou-se por ela, para a santificar e fazer dela santificadora; e o Espírito Santo vivifica-a com a caridade. Nela se encontra a plenitude dos meios de salvação. A santidade é a vocação de cada um dos seus membros e o fim de cada uma das suas actividades.

98. Porque é que a Igreja se chama católica?

A Igreja é católica, isto é, universal. Ela anuncia a totalidade da fé; leva e administra a plenitude dos meios de salvação; é enviada em missão a todos os povos, em todos os tempos e qualquer que seja a cultura a que eles pertençam.

99. Quem pertence à Igreja católica?

Todos os homens, de diferentes modos, pertencem ou estão ordenados à unidade católica do povo de Deus. Estão plenamente incorporados na Igreja católica aqueles que, tendo o Espírito de Cristo, se encontram unidos a ela pelos vínculos da profissão de fé, dos sacramentos, do governo eclesiástico e da comunhão. Os batizados que não se encontram plenamente nesta unidade católica estão numa certa comunhão, ainda que imperfeita, com a Igreja Católica.

100. Que ligação há entre a Igreja católica e as religiões não cristãs?

Antes de mais, há o laço comum da origem e fim do homem. A Igreja católica reconhece que tudo o que de bom e de verdadeiro existe nas outras religiões vem de Deus, é reflexo da sua verdade, pode preparar para acolher o Evangelho e mover em direcção à unidade da humanidade na Igreja de Cristo.

101. Porque é que a Igreja deve anunciar o Evangelho a todo o mundo?

Porque Cristo ordenou: «ide e ensinai todas as nações, baptizando-as no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo» (Mt 28,19). Este mandato missionário do Senhor tem a sua fonte no amor eterno de Deus, que enviou o seu Filho e o seu Espírito porque «quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade» (1 Tim 2, 4).

102. Porque é que a Igreja é apostólica?

A Igreja é apostólica pela sua origem, sendo construída sobre o «fundamento dos Apóstolos» (Ef 2,20); pelo ensino, que é o mesmo dos Apóstolos; pela sua estrutura, enquanto instruída, santificada e governada, até ao regresso de Cristo, pelos Apóstolos, graças aos seus sucessores, os Bispos em comunhão, com o sucessor de Pedro.

103. Em que consiste a missão dos Apóstolos?

A palavra Apóstolo significa enviado. Jesus, o Enviado do Pai, chamou a Si doze entre os Seus discípulos e constituiu-os como seus Apóstolos, fazendo deles testemunhas escolhidas da sua ressurreição e fundamentos da sua Igreja. Deu-lhes o mandato de continuarem a sua missão, dizendo: «Como o Pai me enviou, assim também Eu vos envio a vós» (Jo 20,21). E prometeu estar com eles até ao fim do mundo.

104. O que é a sucessão apostólica?

A sucessão apostólica é a transmissão, mediante o sacramento da Ordem, da missão e do poder dos Apóstolos aos seus sucessores, os Bispos. Graças a esta transmissão, a Igreja permanece em comunhão de fé e de vida com a sua origem, enquanto ao longo dos séculos orienta todo o seu apostolado para a difusão do Reino de Cristo na terra.

105. Quem são os fiéis?

Os fiéis são aqueles que, incorporados em Cristo pelo Baptismo, são constituídos membros do povo de Deus. Tornados participantes, segundo a sua condição, da função sacerdotal, profética e real de Cristo, são chamados a exercer a missão confiada por Deus à Igreja. Entre eles existe uma verdadeira igualdade, na sua dignidade de filhos de Deus.

106. Como é formado o povo de Deus?

Na Igreja, por instituição divina, existem os ministros sagrados que receberam o sacramento da Ordem e formam a hierarquia da Igreja. Os outros são chamados leigos. De uns e de outros, provêm fiéis, que se consagram de modo especial a Deus com a profissão dos conselhos evangélicos: castidade no celibato, pobreza e obediência.

107. Qual é a missão do Papa?

O Papa, Bispo de Roma e Sucessor de S. Pedro, é o fundamento da unidade da Igreja. É o vigário de Cristo, cabeça do colégio dos Bispos e pastor de toda a Igreja, sobre a qual, por instituição divina, tem poder, pleno, supremo, imediato e universal.

108. Qual é a missão do Bispo?

O Bispo, a quem é confiada uma Igreja particular (diocese), governa-a com a autoridade do poder sagrado, próprio, ordinário e imediato, exercido em nome de Cristo, bom Pastor, em comunhão com toda a Igreja e sob a condução do sucessor de Pedro.

109. Qual é a vocação dos fiéis leigos?

Os fiéis leigos têm como vocação própria a de procurar o reino de Deus, iluminando e ordenando as realidades temporais segundo Deus. Correspondem assim ao chamamento à santidade e ao apostolado, dirigido a todos os batizados.

10. CREIO NA COMUNHÃO DOS SANTOS

110. O que significa a expressão comunhão dos santos?

Indica, antes de mais, a participação de todos os membros da Igreja nas coisas santas: a fé, os sacramentos, em especial a Eucaristia.

Significa ainda a comunhão entre as pessoas santas, isto é, entre os que, pela graça, estão unidos a Cristo morto e ressuscitado. Alguns são peregrinos na terra; outros, que já partiram desta vida, estão a purificar-se, ajudados também pelas nossas orações; outros, enfim, gozam já da glória de Deus e intercedem por nós. Todos juntos formam, em Cristo, uma só família, a Igreja, para louvor e glória da Trindade.

111. Em que sentido a Bem-aventurada Virgem Maria é Mãe da Igreja?

A Virgem Maria é Mãe da Igreja na ordem da graça porque deu à luz Jesus, o Filho de Deus, Cabeça do corpo que é a Igreja. Jesus ao morrer na cruz, indicou-a como mãe ao discípulo com estas palavras: «Eis a tua Mãe» (Jo 19, 27).

112. Como é que a Virgem Maria ajuda a Igreja?

Após a Ascensão do Seu Filho, a Virgem Maria ajuda, com as suas orações, mesmo depois da sua assunção ao céu, continua a interceder pelos seus filhos, a ser para todos um modelo de fé e de caridade, e a exercer sobre eles um influxo salutar, que nasce da superabundância dos méritos de Cristo. Os fiéis vêem nela uma imagem e uma antecipação da ressurreição que os espera, invocando-a como advogada, auxiliadora, socorro, medianeira.

113. Que tipo de culto se presta à Virgem santíssima?

É um culto que difere essencialmente do culto de adoração, prestado apenas à Santíssima Trindade. Tal culto de especial veneração encontra uma particular expressão nas festas litúrgicas dedicadas à Mãe de Deus e na oração mariana, como o santo Rosário, resumo de todo o Evangelho.

11. CREIO NA REMISSÃO DOS PECADOS

114. Como são perdoados os pecados?

O primeiro e principal sacramento para o perdão dos pecados é o Baptismo. Para os pecados cometidos depois do Baptismo, Cristo instituiu o sacramento

da Reconciliação ou Penitência, por meio do qual o batizado é reconciliado com Deus e com a Igreja.

115. Porque é que a Igreja tem o poder de perdoar os pecados?

A Igreja tem a missão e o poder de perdoar os pecados, porque o próprio Cristo lho conferiu: «Recebi o Espírito Santo: àqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados, e àqueles a quem os retiverdes serão retidos» (Jo 20, 22-23).

12. CREIO NA RESSURREIÇÃO DOS MORTOS E NA VIDA ETERNA

116. O que significa a «ressurreição da carne» ou “ressurreição dos mortos”?

Significa que o estado definitivo do homem não será só a alma espiritual separada do corpo, mas também que os nossos corpos mortais um dia retomarão a vida.

117. Qual a relação entre a Ressurreição de Cristo e a nossa?

Como Cristo verdadeiramente ressuscitou dos mortos e vive para sempre, assim Ele próprio nos ressuscitará a todos no último dia, com um corpo incorruptível: «os que tiverem feito o bem para uma ressurreição de vida, e os que tiverem feito o mal para uma ressurreição de condenação».

118. Com a morte, que sucede ao nosso corpo e à nossa alma?

Com a morte, separação da alma e do corpo, o corpo cai na corrupção, enquanto a alma, que é imortal, vai ao encontro do Julgamento divino e espera reunir-se ao corpo quando este, transformado, ressuscitar no regresso do Senhor. Compreender como acontecerá

a ressurreição supera as possibilidades da nossa imaginação e do nosso entendimento.

119. Que significa morrer em Cristo Jesus?

Significa morrer na graça de Deus, sem pecado mortal. O que crê em Cristo e segue o Seu exemplo pode assim transformar a própria morte num acto de obediência e de amor ao Pai. «É certa esta palavra: se morrermos com Ele, também com Ele viveremos» (2 Tim 2,11).

120. O que é a vida eterna?

A vida eterna é a que se iniciará imediatamente após a morte. Ela não terá fim. Será precedida para cada um por um juízo particular realizado por Cristo, juiz dos vivos e dos mortos, e será confirmada pelo juízo final.

121. O que é o juízo particular?

É o julgamento de retribuição imediata, que cada um, a partir da morte, recebe de Deus na sua alma imortal, em relação à sua fé e às suas obras. Tal retribuição consiste no acesso à bem-aventurança do céu, imediatamente ou depois de uma adequada purificação, ou então à condenação eterna no inferno.

122. O que se entende por «céu»?

Por «céu» entende-se o estado de felicidade suprema e definitiva. Os que morrem na graça de Deus e não precisam de ulterior purificação são reunidos à volta de Jesus e de Maria, dos anjos e dos santos. Formam assim a Igreja do céu, onde vêem Deus «face a face» (1 Cor 13,12), vivem em comunhão de amor com a Santíssima Trindade e intercedem por nós.

123. O que é o purgatório?

O purgatório é o estado dos que morrem na amizade de Deus, mas, embora seguros da sua salvação eterna,

precisam ainda de purificação para entrar na alegria de Deus.

124. Como podemos ajudar a purificação das almas do purgatório?

Em virtude da comunhão dos santos, os fiéis ainda peregrinos na terra podem ajudar as almas do purgatório oferecendo as suas orações de sufrágio, em particular o Sacrifício eucarístico.

125. Em que consiste o inferno?

Consiste na condenação eterna daqueles que, por escolha livre, morrem em pecado mortal. A pena principal do inferno é a eterna separação de Deus, o único em quem o homem encontra a vida e a felicidade para que foi criado, e a que aspira. Cristo exprime esta realidade com as palavras: «Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno» (Mt 25, 41).

126. Como conciliar o inferno com a bondade infinita de Deus?

Deus, apesar de querer «que todos tenham modo de se arrepender» (2Ped 3,9), tendo criado o homem livre e responsável, respeita as suas decisões. Portanto, é o próprio homem que, em plena autonomia, se exclui voluntariamente da comunhão com Deus se, até ao momento da própria morte, persiste no pecado mortal, recusando o amor misericordioso de Deus.

127. Em que consistirá o Juízo final?

O juízo final (universal) consistirá na sentença de vida bem-aventurada ou de condenação eterna, que o Senhor Jesus, no seu regresso como juiz dos vivos e dos mortos, pronunciará em relação aos «justos e injustos» (Act 24, 15), reunidos todos juntos diante d'Ele. A seguir

a tal juízo final, o corpo ressuscitado participará na retribuição que a alma teve no juízo particular.

128.Quando terá lugar este juízo final?

O juízo final terá lugar no fim do mundo, do qual só Deus conhece o dia e a hora.

129.Em que consiste a esperança dos novos céus e da nova terra?

Depois do juízo final, o próprio universo, libertado da escravidão da corrupção, participará na glória de Cristo com a inauguração dos «novos céus e da nova terra» (2 Ped 3,13). Será assim alcançada a plenitude do Reino de Deus, ou seja a realização definitiva do desígnio salvífico de Deus de «recapitular em Cristo todas as coisas, as do céu e as da terra» (Ef 1,10). Deus será então «tudo em todos» (1 Cor 15,28), na vida eterna.

130. Que significa o *Ámen*, que conclui a nossa profissão de fé?

A palavra hebraica Amen, que conclui o último livro da Bíblia, algumas orações do Novo Testamento e as orações litúrgicas da Igreja, significa o nosso «sim» confiante e total a tudo o que professamos crer, confiando totalmente em Cristo Senhor.

DIA **30**

VI TEMA:

"JESUS CRISTO, FILHO DE
DEUS, SALVADOR - 1700º
ANIVERSÁRIO DO CONCÍLIO
ECUMÊNICO DE NICEIA"

APRESENTAÇÃO DO DOCUMENTO DA
COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL

APRESENTAÇÃO DO DOCUMENTO DA COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL

Introdução

Em pleno Jubileu 2025 — Ano Santo proclamado pelo Papa Francisco e destinado a reavivar a esperança cristã — celebra-se também o 1700º aniversário do primeiro Concílio Ecumênico da história da Igreja, realizado em Niceia em 325.

1 - No 20 de maio de 2025, os cristãos fazem memória dos 1.700 anos da abertura do primeiro Concílio ecumênico, celebrado em Niceia, na actual Turquia, em 325, que entrou para a história principalmente pelo Símbolo (Credo) que reúne, define e proclama a fé na salvação em Jesus Cristo e no Deus Uno, Pai, Filho e Espírito Santo. Mais tarde completado pelo Concílio de Constantinopla em 381, o Credo Niceno tornou-se, na prática, o Bilhete de Identidade da fé professada pela Igreja.

2 - Por esse motivo, a Comissão Teológica Internacional (CTI) decidiu dedicar um documento de quase setenta páginas ao Concílio convocado pelo imperador Constantino na Ásia Menor, com o duplo objetivo de recordar seu significado fundamental e destacar os extraordinários recursos do Credo, relançando-os na perspectiva da nova etapa de evangelização que a Igreja é chamada a viver na atual mudança de época. Também porque o aniversário ocorre durante o Jubileu da Esperança e coincide com a data da Páscoa para todos os cristãos, no Oriente e no Ocidente.

3 - Por essas razões, **“Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador – 1700º aniversário do Concílio Ecumênico**

de Niceia (325-2025)”, o documento divulgado no passado dia 3 de abril, não é um simples texto de teologia acadêmica, mas se propõe como uma síntese que pode acompanhar o aprofundamento da fé e seu testemunho na vida da comunidade cristã. Afinal, em Niceia, pela primeira vez, a unidade e a missão da Igreja foram expressas em nível universal (daí, sua qualificação de “ecumênico”) na forma sinodal daquele caminhar que lhe é própria, constituindo-se assim também um ponto de referência e de inspiração no processo sinodal em que a Igreja católica é imersa hoje.

3 - Composto por 124 pontos, o documento é o resultado da decisão da Comissão Teológica Internacional (CTI) de aprofundar um estudo sobre a atualidade dogmática do Credo de Niceia. O texto foi votado e aprovado em sua *forma específica* por unanimidade em 2024 e, em seguida, submetido à aprovação do Cardeal Víctor Manuel Fernández, Prefeito do Dicastério para a Doutrina da Fé, no qual a Comissão foi instituída. Depois de receber a aprovação do Papa Francisco, em 16 de dezembro de 2024, foi agora publicado.

Os quatro capítulos são precedidos por uma introdução intitulada “Doxologia, teologia e anúncio” e seguidos pela conclusão.

Uma leitura doxológica do Símbolo

4 - ***O primeiro capítulo do documento “Um Símbolo para a salvação: doxologia e teologia do dogma de Niceia” (n. 7-47)*** é o mais amplo. Ele oferece “uma leitura do Símbolo, para destacar seus recursos soteriológicos e, portanto, cristológicos, trinitários e antropológicos”, com a intenção de dar “novo ímpeto ao caminho rumo à unidade dos cristãos”.

Ao destacar o alcance ecumênico da fé de Niceia, o texto expressa a esperança de uma data comum para

a celebração da Páscoa, que o próprio Papa Francisco pediu repetidamente. De fato, o número 43 evidencia como este 2025 representa para todos os cristãos “uma oportunidade inestimável para sublinhar que o que temos em comum é muito mais forte do que o que nos divide: todos juntos, acreditamos no Deus trino, em Cristo verdadeiro homem e verdadeiro Deus, na salvação em Jesus Cristo, de acordo com as Escrituras lidas na Igreja e sob a moção do Espírito Santo. Juntos, acreditamos na Igreja, no batismo, na ressurreição dos mortos e na vida eterna”.

Consequentemente, adverte o documento no nº 45, “a divergência dos cristãos em relação à festa mais importante de seu calendário cria desconforto pastoral nas comunidades, a ponto de dividir as famílias, e causa escândalo entre os não cristãos, prejudicando assim o testemunho dado ao Evangelho”.

“Acreditamos como batizamos; e rezamos como acreditamos”

5 - Mas acolher a riqueza do Credo de Niceia depois de dezassete séculos (1700 anos) leva também a perceber como aquele Concílio alimenta e orienta a existência cristã quotidiana: por isso, ***o segundo capítulo “O Símbolo de Niceia na vida dos crentes” (n. 48-69)***, de teor patrístico, explora como a liturgia e a oração foram fecundadas na Igreja desde aquele evento, que constitui um avanço na história do Cristianismo. “Acreditamos como batizamos; e rezamos como acreditamos”, recorda o documento, exortando-nos a beber hoje e sempre dessa “fonte de água viva”, cujo rico conteúdo dogmático foi decisivo para estabelecer a doutrina cristã.

Nesse sentido, o documento se aprofunda na recepção do Credo na prática litúrgica e sacramental, na catequese e na pregação, na oração e nos hinos.

Evento Teológico e Eclesial

6 - **O terceiro capítulo, “Niceia como evento teológico e como evento eclesial” (n. 70-102)**, aprofunda como o Símbolo e o Concílio “testemunham o mesmo evento de Jesus Cristo, cuja irrupção na história oferece um acesso inaudito a Deus e introduz uma transformação do pensamento humano” e como eles também representam uma novidade na forma como a Igreja se estrutura e cumpre sua missão.

“Convocado pelo imperador para resolver uma disputa local que se tinha estendido a todas as Igrejas do Império Romano do Oriente e a muitas Igrejas do Ocidente – explica o documento -, reuniu bispos de várias regiões do Oriente e legados do bispo de Roma. Pela primeira vez, portanto, os bispos de toda a Oikouménè foram reunidos em sínodo. Sua profissão de fé e suas decisões canônicas foram promulgadas como normativas para toda a Igreja. A comunhão e a unidade sem precedentes que o evento Jesus Cristo introduziu na Igreja tornam-se visíveis e eficazes de um modo novo, através de uma estrutura de alcance universal. O anúncio do Evangelho de Cristo, em toda a sua imensidão, recebe, também ele, um instrumento de autoridade e alcance sem precedentes” (cf. n. 101).

Uma Fé acessível também aos simples

7 - No quarto e último capítulo, **“Manter a fé acessível a todo o povo de Deus” (103-120)**, “as condições de credibilidade da fé professada em Niceia são destacadas em uma etapa da teologia fundamental que lança luz sobre a natureza e a identidade da Igreja, na medida em que ela é a intérprete autêntica da verdade normativa da fé por meio do Magistério e a guardiã dos crentes, especialmente dos menores e mais vulneráveis”.

De acordo com o documento, a fé pregada por Jesus aos simples não é uma fé simplista e o Cristianismo nunca

se considerou uma forma de esoterismo reservada a uma elite de iniciados, pelo contrário, Niceia, embora devido à iniciativa de Constantino, representa “um marco no longo caminho em direção à liberdade da Igreja (*libertas Ecclesiae*), que é em toda parte uma garantia de proteção da fé dos mais vulneráveis em face do poder político”.

Em 325, o bem comum da Revelação foi realmente “disponibilizado” a todos os fiéis, conforme confirmado pela doutrina católica da infalibilidade “in credendo” do povo dos batizados. Embora os bispos tenham um papel específico na definição da fé, eles não podem assumi-lo sem estar na comunhão eclesial de todo o Santo Povo de Deus, tão caro ao Papa Francisco.

Actualidade perene do Primeiro Concílio Ecuménico

8 - Eis então as **conclusões do documento com “um convite premente” para “anunciar a todos Jesus nossa Salvação hoje”** a partir da fé expressa em Niceia em uma multiplicidade de significados.

- Em primeiro lugar, a perene actualidade daquele Concílio e do Símbolo que dele brotou está em continuar a nos deixar “maravilhar pela imensidão de Cristo, para que todos fiquem maravilhados” e “reavivar o fogo do nosso amor por ele”, porque “em Jesus *homooúsios* (consustancial) ao Pai... O próprio Deus se ligou à humanidade para sempre”;
- Em segundo lugar, significa não ignorar “a realidade” ou afastar-se “dos sofrimentos e das convulsões que atormentam o mundo e parecem comprometer toda esperança”, ouvindo também a cultura e as culturas;
- Em terceiro lugar, significa estarmos “particularmente atentos aos pequenos entre nossos irmãos e irmãs”, porque “esses crucificados

da história são *o Cristo entre nós*”, ou seja, “aqueles que mais precisam da esperança e da graça”, mas, ao mesmo tempo, conhecendo os sofrimentos do Crucificado, eles são, por sua vez, “os apóstolos, mestres e evangelizadores dos ricos e abastados”;

- E, por fim, significa anunciar “como Igreja” ou melhor, “com o testemunho da fraternidade”, mostrando ao mundo as maravilhas pelas quais ela “una, santa, católica e apostólica” é o “sacramento universal da salvação” e, ao mesmo tempo, difundindo o tesouro das Escrituras que o Símbolo interpreta, a riqueza da oração, da liturgia e dos sacramentos que derivam do batismo professado em Niceia e da luz do Magistério; sempre com o olhar fixo no Ressuscitado, que triunfa sobre a morte e o pecado, e não nos adversários, pois não há perdedores no Mistério Pascal, exceto o perdedor escatológico, Satanás, o divisor.

Não é por acaso que, no dia 28 de novembro de 2024, ao receber em audiência os membros da CTI, o Pontífice, elogiando o trabalho deles, falou da utilidade de um documento destinado a “ilustrar o significado atual da fé professada em Niceia... para alimentar a fé dos crentes e, partindo da figura de Jesus, oferecer também pistas e reflexões úteis para um novo paradigma cultural e social, inspirado precisamente na humanidade de Cristo”.

| SÍMBOLO DOS APÓSTOLOS | CREDO NICENO-CONSTANTINOPLA |
|--|---|
| <i>Creio em Deus, Pai todo-poderoso, Criador do Céu e da Terra,</i> | <i>Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, Criador do Céu e da Terra, De todas as coisas visíveis e invisíveis.</i> |
| <i>E em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor</i> | <i>Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigénito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos: Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro; gerado, não criado, consubstancial ao Pai. Por Ele todas as coisas foram feitas. E por nós, homens, e para nossa salvação desceu dos Céus.</i> |
| <i>que foi concebido pelo poder do Espírito Santo; nasceu da Virgem Maria;</i> | <i>E encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria. e se fez homem</i> |
| <i>padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu à mansão dos mortos;</i> | <i>Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos; padeceu e foi sepultado. Ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras; e subiu aos Céus, onde está sentado à direita do Pai. De novo há-de vir em sua glória para julgar os vivos e os mortos; e o seu Reino não terá fim.</i> |
| <i>Creio no Espírito Santo;</i> | <i>Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida, e procede do Pai e do Filho; e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado: Ele que falou pelos Profetas.</i> |
| <i>na santa Igreja Católica; na comunhão dos Santos;</i> | <i>Creio na Igreja, Una, Santa, Católica e Apostólica.</i> |
| <i>na remissão dos pecados; na ressurreição da carne; e na vida eterna. Amen</i> | <i>Professo um só batismo para a remissão dos pecados. E espero a ressurreição dos mortos e vida do mundo que há-de vir. Amém.</i> |

DIA **31**

CELEBRAÇÃO
LITÚRGICA PARA O DIA
DO CATEQUISTA

CELEBRAÇÃO LITÚRGICA PARA O DIA DO CATEQUISTA

O CATEQUISTA TESTEMUNHA DA FÉ

1. Chegada – silêncio e oração pessoal

2. Refrão de Meditação

Aquele que vos chamou, aquele que vos chamou é fiel, é fiel.

Fiel é aquele que vos chamou.

3. Procissão de Entrada

(Círio Pascal, água, catequistas. Outros símbolos da realidade local)

Canto:(...)

4. Sinal da cruz e saudação presidencial

5. Recordação da Vida

Animador: Nos reunimos ao redor da mesa da Palavra e da mesa da Eucaristia para celebrar a presença de Jesus Ressuscitado, razão da nossa fé, fonte que nos alimenta no caminho da Fé.

Neste dia recordamos especialmente a vocação e missão do catequista, pois celebramos hoje em toda a Igreja em Moçambique o *Dia do Catequista no Ano Jubilar 2025.*

A vocação do catequista é a vocação do profeta – aquele que fala em nome de Deus – a serviço da comunidade a que pertence.

Sendo Servidor da Palavra, o catequista partilha e facilita a experiência do encontro com Jesus Cristo. Neste dia queremos estar em comunhão com todos esses queridos educadores da fé e elevar ao Pai nossa oração de louvor pelas dezenas de catequistas, presentes nas comunidades da nossa Paróquia e da nossa diocese, primeiros evangelizadores de uma catequese que é caminho para Jesus Cristo.

É momento de fazer memória, lembrar e agradecer estes e outros catequistas que ajudaram o nosso caminho de Fé com seu testemunho.

6. Acto Penitencial

7. Liturgia da Palavra

8. Liturgia Eucarística

9. Rito do Envio:

Apresenta-se recipiente com óleo perfumado em seguida o Presidente faz a oração e unção dos catequistas.

ORAÇÃO PARA UNÇÃO DOS CATEQUISTAS:

Ó Deus, com a força do teu Espírito ungestes os primeiros discípulos de Jesus.

Com a mesma força unge-nos HOJE para a missão de anunciar e testemunhar as tuas maravilhas.

É todo o nosso SER que agora UNGIDO, CONSAGRADO É ENVIADO EM MISSÃO.

Como CATEQUISTAS, renovamos o desejo de proclamar a tua Palavra.

Que ela nos ilumine e que tenhamos corações ardentes ao dar testemunho dela.

Que o Teu Espírito nos ensine a explicar as Escrituras e a compreender o teu Mistério.

Tudo isso te pedimos em nome de Jesus Cristo que vive e reina para sempre.

Amém.

Canto:

Ide por todo mundo a anunciar a Boa Nova

Benção:

Deus todo-poderoso vos abençoe na sua bondade e infunda em vós a sabedoria da salvação.

R. Amém.

Sempre vos alimente com os ensinamentos da Fé e vos faça perseverar nas boas obras.

R. Amém.

Oriente para Ele os vossos passos, e vos mostre o caminho da caridade e da paz.

R. Amém.

“ O trabalho do CATEQUISTA é o serviço de semear. Semear a esperança! O terreno deve estar preparado, pois a semente é sempre boa e tem força para produzir frutos abundantes. Semear é uma tarefa muitas vezes penosa, requer perseverança, paciência, cuidado e, sobretudo, esperança. É preciso esperar em Deus, que nunca falha, e esperar também no homem e na mulher que se dispõem a receber o dom divino. Mas não se esqueça que há muita machamba por aí que precisa de ser descoberta, desbravada e cultivada. Hoje, como no passado, o catequista é um discípulo missionário numa Igreja que sabe ir ao encontro dos que não vêm e permanecem à margem da Igreja. ”

(Mensagem para o dia do Catequista - 2025)